

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO PUBLICIDADE E PROPAGANDA

FELIPE FERRARI

**A CAMPANHA NUNCA TERMINA:
IMAGEM PÚBLICA E O JOGO POLÍTICO NA SÉRIE HOUSE OF CARDS**

PORTO ALEGRE

2018

FELIPE FERRARI

**A CAMPANHA NUNCA TERMINA:
IMAGEM PÚBLICA E O JOGO POLÍTICO NA SÉRIE HOUSE OF CARDS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Berenice da Costa Machado

PORTO ALEGRE

2018

FELIPE FERRARI

**A CAMPANHA NUNCA TERMINA:
IMAGEM PÚBLICA E O JOGO POLÍTICO NA SÉRIE HOUSE OF CARDS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Berenice da Costa Machado

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Berenice da Costa Machado
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Miriam de Souza Rossini
Examinadora

Prof. Dr. Rudimar Baldissera
Examinador

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) intitulado "A CAMPANHA NUNCA TERMINA: IMAGEM PÚBLICA E O JOGO POLÍTICO NA SÉRIE HOUSE OF CARDS" de autoria de Felipe Ferrari, estudante do curso de comunicação Social - Habilitação em Publicidade e Propaganda, desenvolvido sob minha orientação.

Porto Alegre, de de 20.....

Maria Berenice da Costa Machado

RESUMO

Estudo que tem por objetivo evidenciar as estratégias de projeção da imagem pública e compreender como elas se revelam em aparições públicas de candidatos a cargos majoritários. O objeto de estudo é a série norte americana House of Cards, comparam-se os dois protagonistas a partir dos indicadores roupas, gestual, vocabulário, entonação e decisões políticas. O recorte privilegia episódios da terceira e quarta temporadas, e cenas em que os candidatos, sempre em campanha visando o cargo de presidente, fazem aparições públicas ou tomam decisões a portas fechadas. O percurso metodológico inclui revisão bibliográfica, busca documental e análise de conteúdo. Dentre os autores, Aristóteles (1999), Bourdieu (2012), Maquiavel (2011), Rubim (2004), Max Weber (2014), Maria Helena Weber (2004), Wilson Gomes (2004), Baldissera (2006 e 2008), Rossini e Renner (2015), Sterling (2006) e Jost (2012). Os resultados da análise consideram que produtos de entretenimento com a temática política são eficazes em contrapor o que é visível ao eleitorado e o que é decidido em reuniões fechadas. Além disso, o conteúdo demonstra que, por si só, características visuais de um candidato não são capazes de construir a imagem pública, mas sim de confirmar uma imagem já existente.

Palavras-chave: House of Cards; série; imagem pública; campanha eleitoral; política;

ABSTRACT

Study that aims to point the public image projection strategies, and understand how they are revealed in public appearances of candidates for majority elections. The object of study is the series House of Cards. The two protagonists are compared throughout indicators like gesture, vocabulary, intonation and political decisions. The clipping privileges episodes from seasons three and four, and scenes in with candidates, always campaigning with presidency in sight, either make public appearances or take closed-door decisions. The methodological route includes literary review, documental search and content analysis. Among the authors, Aristotle (1999), Bourdieu (2012), Machiavelli (2011), Rubim (2004), Max Weber (2014), Maria Helena Weber (2004), Wilson Gomes (2004), Baldissera (2006 e 2008), Rossini e Renner (2015), Sterling (2006) and Jost (2012). The analysis results consider that political-themed entertainment products are effective to counter what is visible to the voters and what is decided behind doors. Beyond that, the content shows that, by itself, visual features are unable of building a public image, therefore, they can endorse a already existent image.

Keywords: House of Cards; series; public image; election campaign; politics;

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Claire promove um chá em favor da candidatura de Frank com lideranças comunitárias de New Hampshire.....	53
Figura 2 – Claire assiste ao debate em meio ao povo, em New Hampshire.....	53
Figura 3 - Frank simula e ensaia, com a sua equipe, o debate que acontecerá mais tarde.....	54
Figura 4 - Frank se prepara para dar o seu discurso de abertura no debate da rede de televisão americana CNN.....	55
Figura 5 - Frank vocifera contra a sua adversária, Heather Dunbar.....	56
Figura 6 – Frank faz seu discurso de abertura no debate.....	56
Figura 7 - Claire doa sangue em um hospital de New Hampshire cercada de fotógrafos.....	57
Figura 8 - A jornalista Kate Baldwin percebe a reunião entre Frank e o senador pró-NRA.....	59
Figura 9 - Claire Underwood grava mensagem em prol da candidatura de Frank e de sua lei de restrição ao porte de armas.....	60
Figura 10 - Frank discursa para jornalistas e o público do mesmo local em que foi baleado.....	61
Figura 11 - Frank negocia com líderes do partido Democrata no Salão Oval.....	62
Figura 12 - Frank continua a negociação com outros líderes do partido Democrata no Salão Oval.....	63
Figura 13 - O representante de Kentucky na convenção anuncia os votos o estado.....	64
Figura 14 - Claire comenta, em entrevista, sobre o voto recebido na convenção....	65
Figura 15 - Frank cumprimenta a mãe do seu doador de órgãos.....	66
Figura 16 - O General Brockhart e o Governador Conway dão entrevista em Atlanta.....	67
Figura 17 - O Presidente se desculpa com Brockhart pelo telefone.....	68
Figura 18 - Cathy Durant discursa reconhecendo a derrota para Claire, enquanto a plateia comemora.....	69
Figura 19 - Claire cumprimenta Cathy antes de discursar.....	70

Figura 20 - Claire discursa após ser nomeada candidata à vice-presidência.....	71
Figura 21 - Claire e Frank comemoram a nomeação da chapa.....	72

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	09
2 - OS CAMPOS DA POLÍTICA E DA COMUNICAÇÃO.....	13
2.1 - O campo da política na contemporaneidade.....	16
2.1.1 - As particularidades da política norte-americana.....	20
2.1.2 - O presidencialismo norte-americano.....	23
2.2 - As intersecções entre os campos da política e da comunicação.....	25
2.2.1 - A imagem pública na política.....	28
2.2.2 - Os aspectos verbais e não verbais na construção da imagem.....	32
2.2.3 - A campanha eleitoral.....	33
3 - AS SÉRIES TELEVISIVAS E O QUE REPRESENTAM.....	35
3.1 - A representação da política nas séries americanas.....	42
3.2 - Construção da imagem pública x sucesso político na série House of Cards.....	44
3.2.1 - Um panorama sobre a série House of Cards.....	44
3.2.2 - Sinopse das temporadas.....	45
3.2.3 - Apresentando os personagens.....	49
4 – ONE NATION, UNDER... WOOD: ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE IMAGEM DE CLAIRE E FRANK UNDERWOOD PARA A CONQUISTA DO PODER.....	51
4.1 - Temporada 3, episódio 11: “Capítulo 37”.....	52
4.2 Temporada 4, episódio 8: “Capítulo 47”.....	57
4.3 Temporada 4, episódio 9: “Capítulo 48”.....	64
4.4 Temporada 4, episódio 10: “Capítulo 49”.....	69
4.5 Sempre em campanha: as diferenças na imagem percebida de Claire e Frank Underwood.....	72
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS.....	79
APÊNDICE.....	83

1 INTRODUÇÃO

As séries, ao se aproveitarem do sucesso das narrativas contínuas dos folhetins¹, adequando o seu conteúdo ao cinema, à televisão e, posteriormente, ao *streaming*², colocaram-se entre as produções mais consumidas no mundo. Com destaque entre as grades de programação, esses conteúdos televisivos passam por diversas transformações, tanto na qualidade de suas produções, quanto no peso dos artistas envolvidos e na variedade de mídias que as transmitem. Tais melhorias colocam as séries no cotidiano e nas casas de cada um de seus telespectadores e, assim, mostram-se como objetos relevantes para a pesquisa. Além da presença constante, as séries mantêm um caso de fidedignidade com o “mundo real”: são produtos que conversam diretamente com a sociedade e suas tendências culturais, como aponta Jost:

Quer a gente as situe no território artístico, quer as coloque em posição de suceder a sétima arte, quer as examine via Descartes, Spinoza ou Sartre, tudo isso apenas demonstra que hoje elas [as séries] são respeitadas pelos pesquisadores, que não têm mais medo de revelar seu interesse (JOST, 2012, p. 24).

Presença constante no noticiário, a política passa a ser mais abordada nas séries após o sucesso de *The West Wing*, de Aron Sorkin, que estreou em 1999 e abriu caminho para um tema que agora é presença constante em diversas produções seriadas, como *Scandal*, *The Good Wife*, *Veep*, *Designated Survivor* e *House of Cards*, objeto deste estudo.

Com uma trama que se aproxima³ do jogo político americano, *House of Cards* é uma produção audiovisual que aborda, em sua essência, a construção/manutenção da imagem pública pelos atores políticos. A série narra a história de Frank e Claire Underwood e a busca incessante desses protagonistas pelo poder. Após ser traído pelo seu colega de partido, o presidente eleito Garret

¹O folhetim, narrativa cujos capítulos eram entregues ao leitor em forma seriada em jornais e revistas, consolidou uma fórmula de consumo interessante para uma sociedade industrial que se constituía ao longo do século 19. (STERLING, 2006, p.9);

² Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2013/05/conheca-o-streaming-tecnologia-que-se-popularizou-na-web.html>. Acesso no dia 26 de maio de 2018;

³ Disponível em: <http://blogs.correiobraziliense.com.br/proximocapitulo/house-of-cards-e-o-exemplo-de-quando-arte-imita-vida/> Acesso no dia 26 de maio de 2018;

Walker, Frank inicia a sua caminhada rumo à presidência e, para isso, lança mão de artimanhas e acordos políticos nem sempre previstos pela lei. Underwood atinge o seu objetivo, derruba o presidente Walker, após um escândalo de corrupção, orquestrado pelo próprio Frank, e torna-se presidente dos Estados Unidos. Toda a odisséia de Frank tem o apoio da esposa Claire. No início ela atua apenas nos bastidores; como primeira-dama passa a construir acordos e a encabeçar projetos de lei, que descobre-se adiante serem articulações em prol da sua própria imagem.

Após dois conturbados anos na presidência, Frank engaja-se em nova corrida eleitoral, com o objetivo de permanecer no poder. É então que percebe-se o quanto a imagem de Frank é fraca frente ao eleitorado, em oposição à imagem de sua esposa, que tem a simpatia (ou seria simpatia?) do público.

O período eleitoral é decisivo, pois coloca em xeque a imagem do político. A campanha é o foco da narrativa em *House of Cards*, que coloca o espectador próximo às decisões tomadas pelas equipes e, ainda, das interações dos políticos com o eleitorado, nos comícios, na televisão e na internet. Aparecem também os bastidores e a “tradução” do que foi decidido, ou seja, o roteiro da campanha.

Em meio à graduação em comunicação, é constante a exposição ao termo “imagem”. No decorrer das disciplinas, pode-se perceber a importância de seus fundamentos tanto para artistas, quanto para organizações e para políticos, que têm nessa o seu principal capital (BOURDIEU, 2012). Ao observar-se a série *House of Cards*, percebe-se o cuidado da equipe com a imagem de um político. E é especialmente no período eleitoral que o roteiro definido para a projeção da imagem do homem público é posto à prova. Se eleito, entende-se que a imagem desejada era positiva e as estratégias definidas funcionaram. Compreender o período eleitoral e observar as estratégias de campanha e os seus resultados em *House of Cards* mostra-se tarefa pertinente, já que o roteiro é pensado com base na realidade, a análise será de fatos que acontecem no “mundo real”, ou seja, de bastidores e decisões tomadas a portas fechadas, geralmente vedada aos eleitores. Portanto, a análise de um produto audiovisual que, com base na realidade, nos coloca mais próximos dos processos decisivos e das mediações de uma campanha política, oportuniza entender o que aparece na televisão e nos comícios. Essa validação das decisões de bastidores e sua tradução frente ao público são características da série *House of Cards*, objeto a ser analisado neste estudo. E, é por meio deste tensionamento presente na série, que se busca a compreensão da campanha

política que nunca termina, ou seja, da contínua preocupação com a manutenção da imagem pública no jogo político.

Considerando essas características da série *House of Cards*, este estudo de caráter exploratório e qualitativo, compara os personagens Claire e Frank Underwood e as suas estratégias como candidatos a presidente e vice dos Estados Unidos. A partir das suas aparições públicas, destacam-se os indicadores roupas, entonação, vocabulário, linguagem corporal e decisões políticas, que serão tensionados, com base nas decisões tomadas pelas equipes a portas fechadas, em busca da compreensão se o roteiro projetado para a manutenção da imagem de ambos foi eficaz. Este percurso metodológico busca responder: por que dois candidatos de uma mesma chapa presidencial têm imagens tão divergentes entre o seu eleitorado? O objetivo é compreender de que forma aspectos visuais contribuem para a imagem percebida de um candidato, a fim de que se evidenciem as estratégias de projeção de imagem dos mesmos.

Para responder a esse objetivo, foram selecionados quatro episódios entre a terceira e a quarta temporada, durante a campanha para a eleição presidencial. O primeiro episódio analisado, na terceira temporada, mostra as prévias do partido democrata e os três últimos, na metade final da quarta temporada, ocorrem em meio à disputa com o candidato Republicano, nos momentos decisivos da eleição. O critério para a escolha dos episódios foi a pertinência destes para o resultado da eleição, ou seja, foram priorizados episódios em que o pleito é assunto principal, em detrimento de episódios que narram outros ganchos do enredo.

Para tal fim, a base teórica é construída no capítulo dois, que tem o objetivo de revisar conceitos do campo político à luz de autores como Aristóteles (1999), Octavio Ianni (1999), Petersen (1998), Maquiavel (2011) e Bourdieu (2012). Para o enfoque na política norte-americana, os fundamentos virão de um dos autores da Constituição dos Estados Unidos, Thomas Jefferson (1985).

A segunda parte do capítulo dois, busca conceituar a comunicação a partir de Wolton (2004), depois traça um paralelo entre comunicação e política, com Albino Rubim (2004), Maria Helena Weber (2002), Giovanni Sartori (2001) e Wilson Gomes (2011), aborda imagem, pelos pressupostos de Rudimar Baldissera (2006 e 2008), carisma, em Max Weber (2012) e campanha eleitoral, em Francisco Ferraz (2008).

A parte final do capítulo revisa a teoria das séries televisivas, por François Jost (2012), Cássio Sterling (2006), Elizabeth Bastos Duarte e Vanessa Curvello (2008) e Rossini e Renner (2015).

O capítulo três traz detalhes da série House of Cards, como audiência, personagens e contexto geral do seu universo. Adiante, o estudo dos trechos selecionados feito com base na construção teórica realizada nos capítulos anteriores. São analisadas 19 cenas de quatro episódios da série House of Cards: as estratégias definidas pelas equipes de campanha de cada um dos protagonistas são compreendidas à luz dos indicadores roupas, entonação, vocabulário, linguagem corporal e decisões políticas, e depois tensionadas as com os resultados conquistados. As considerações finais buscam compreender os resultados alcançados e as possibilidades de expansão da pesquisa nos campos da comunicação e da política.

2 OS CAMPOS DA POLÍTICA E DA COMUNICAÇÃO

Para que se compreendam as características de House of Cards, é necessário debruçar-se sobre a teoria política, a fim de que se entendam os detalhes que permeiam os episódios.

A origem⁴ da palavra “*politiké*”, por si só, se mostra eficaz em sintetizar a relação da política com a sociedade: *politiké* a *polis* (a cidade, o aglomerado urbano de homens) + *tekhné* (a ciência, a técnica por trás da administração do aglomerado de pessoas que compõem a pólis). *Politikós*, relativo a cidadão, ao Estado; hábil na administração de negócios públicos etc. Político é o homem público, o representante da sociedade que fornece suas habilidades para os seus iguais para que a *pólis* funcione na relação com seus habitantes e com as outras *pólis*, por isso, o político é, ao mesmo tempo, cidadão, parte do Estado, e hábil na administração pública.

Na Grécia antiga, a política foi tratada como uma ciência superior⁵ e que era fundamental para qualquer organização social.

Os filósofos trataram de teorizar a palavra que, queiramos ou não, acompanha praticamente todos os indivíduos da humanidade. Aristóteles definiu que “todo o Estado é uma comunidade de algum tipo, e cada comunidade é estabelecida com vista a algum bem” (Aristóteles, 1999, p.3). O Estado é, portanto, a síntese da união entre os seus indivíduos que, estando em uma lógica de sociedade, na qual devem conviver pacificamente, subjugam-se ao poder de cidadãos representantes, responsáveis por ditar sua ética, suas leis e sua economia com o aval, representado hoje pelo voto popular, dos próprios cidadãos.

Evidentemente, a sociedade enfrentou mudanças desde a Grécia Antiga. Acompanhando estas mudanças, filósofos, sociólogos, teóricos políticos, economistas, etc. se debruçam-se sobre o assunto, dando o tom das características de cada período histórico à política. Em Maquiavel (2011), por exemplo, podemos

⁴ Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/politico/>>. Acesso em 16 de março de 2018;

⁵ Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/politica/democracia.htm>>. Acesso em 16 de março de 2018;

compreender as relações de poder, as habilidades necessárias para a liderança de um Estado e o absolutismo.

Antes do advento da era partidária (que se iniciou por volta do século XVII, próxima ao nascimento da democracia representativa)⁶ que tem-se a presença do príncipe forte, único, que divinamente, hereditariamente ou mesmo pela força do dinheiro, é soberano. Maquiavel (2011) estabelece os princípios das relações de poder entre o homem político e o seu povo (no caso dele, a sua plebe). O autor indica um *modus operandi* para o príncipe eficaz, que deve agir para que o seu governo se dê sem percalços. O texto apresenta algumas das bases da política, das relações de poder e outras particularidades, que ainda hoje se mostram válidas.

Em 1513, Maquiavel anuncia: “Nas repúblicas, há mais vida, o ódio é mais poderoso, maior é o desejo de vingança” (MAQUIAVEL, 2011, p.29). Ou seja, no sistema republicano os atores se digladiam para ocupar posições de poder, o que não nos é estranho nos dias atuais. O que se pode compreender da definição da sociedade republicana em Maquiavel (2011) é que indivíduos são pautados pela intensa disputa, pelo ódio e pelas habilidades políticas postas à prova ao máximo.

Focando-se mais nas formas democráticas de governo que perduram, com alguns percalços, desde a Revolução Francesa, encontramos em Marx (1998) e Bourdieu (2012), sobre a setorização da sociedade (campos). Em Marx a separação dá-se em classes sociais, com a dominância sendo característica da burguesia. Bourdieu estabelece a teoria dos campos sociais: a sociedade separa-se em classes sociais que constituem campos e exercem relações de poder simbólico entre si. Dentro de um mesmo campo, por exemplo, é possível que existam níveis hierárquicos que façam com que os seus integrantes deparem-se com essas relações de poder.

Para Bourdieu: “[...] os produtos oferecidos pelo campo político são instrumentos de percepção e de expressão do mundo social” (BOURDIEU, 2012, p.165): fazendo um paralelo com a atualidade, nota-se que a percepção, a expressão e a administração da sociedade revisitam o termo *politikós*, dado que estas tarefas exigem que o cidadão não apenas seja pertencente à sociedade, mas também um hábil administrador público. Entre os deveres de um político, antes da

⁶ Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/o-tse/escola-judiciaria-eleitoral/publicacoes/revistas-da-eje/artigos/revista-eletronica-eje-n.-6-ano-3/a-evolucao-historica-dos-partidos-politicos>>. Acesso em 26 de maio de 2018;

validação pelo voto, estão entender e expressar o seu entendimento, sobre a sociedade, para que a sociedade entenda a sua proposta e lhe atribua a autoridade, compre a sua imagem e que lhe permita evoluir no campo. Aqui encontramos a “campanha que nunca termina”.

Ainda em sua explanação sobre o poder simbólico, Bourdieu segue:

O campo político é o lugar em que se geram, na concorrência entre os agentes que nele se acham envolvidos, produtos políticos, problemas, programas, análises, comentários, conceitos, acontecimentos, entre os quais os cidadãos comuns, reduzidos ao estatuto de consumidores, devem escolher, com probabilidades de mal-entendido tanto maiores quanto mais afastados estão do lugar de produção (BOURDIEU. 2012, p. 164).

Revisita-se a Grécia antiga: todo cidadão está em algum nível envolvido com o campo político. Seja no papel de autoridade, analista, comunicador, teórico ou simplesmente de validador do agente político, por meio do voto, e, portanto, sujeito às decisões do eleito (certamente todos, incluindo-se o próprio político, estão sujeitos às decisões desse, mas o nível hierárquico dentro do campo faz com que cada agente tenha determinado papel social em relação ao tema, sendo que uns, não necessariamente os mais “elevados” nesta hierarquia, dispõem de maior poder de decisão ou influência sobre o campo do que outros).

Sobre o campo político, Bourdieu continua:

O campo político é pois o lugar de uma concorrência pelo poder que se faz por intermédio de uma concorrência pelos profanos ou, melhor, pelo monopólio do direito de falar e de agir em nome de uma parte ou da totalidade dos profanos. O porta-voz apropria-se não só da palavra do grupo dos profanos, quer dizer, na maioria dos casos, do seu silêncio, mas também ao prestar-lhe uma palavra reconhecida como legítima ao campo político. A força das ideias que ele propõe mede-se, não como no terreno da ciência, pelo seu valor de verdade [...] mas sim pela força de mobilização que elas encerram, quer dizer, pela força do grupo que as reconhece, nem que seja pelo silêncio ou pela ausência de desmentido, e que ele

pode manifestar recolhendo as suas vozes ou reunindo-as no espaço (BOURDIEU. 2012, p. 185).

A organização em partidos, a luta pelo poder, o exercício da concorrência, o palanque para expressar suas ideologias: tudo isso exprime a política. É importante perceber o uso da palavra “monopólio” por Bourdieu (2012), que, neste trecho, mostra as diversas nuances do indivíduo político organizado em grupo (partidos) e que busca nada mais do que o monopólio, a validação do seu poder simbólico pelo grande grupo de “profanos” que, muitas vezes leigos, elegem o seu representante para ser sua voz, seu guerreiro na trincheira do campo político, que atinge o seu ápice na “ágora” moderna, ou nas câmaras e senados. É lá que, supostamente, o homem político leva a palavra do grande grupo que ele representa, é ele que traz a legitimidade que as pautas dos dispersos grandes grupos de profanos necessita para que suas necessidades sejam compreendidas pelos agentes de hierarquia mais alta no campo político.

Outro destaque é sobre a veracidade dos discursos do político: o grande objetivo do *politikós* da segunda metade deste milênio é a mobilização, pautada na verdade ou não, o que importa é que o representante da sociedade inspire, convença e exerça um poder que extravase o simbólico e atinja o poder político.

2.1 O campo da política na contemporaneidade

O cidadão eleitor, ou “comprador” do indivíduo político, deposita nesse não apenas o seu crédito, mas a sua fé. A fé de que ele irá representar o grupo de indivíduos no qual este cidadão está inserido. É sensato dizer que a força política de um agente do campo é diretamente proporcional ao tamanho da confiança depositada nele pelo seu grupo apoiador. O grupo será tão mais apoiador quanto maior for a sua identificação com o indivíduo político, as suas causas e os seus discursos. A identificação, que pode ser gerada tanto com verdades quanto com proposições cientificamente incorretas, gera uma base apoiadora propensa a concordar com futuras propostas que, por vezes, podem não condizer com a persona inicialmente representada pelo político, mas que, com a conquista da fé do público, recebe a sua validação. Pode-se compreender também que, quanto maior e mais duradoura é a identificação de um político com a sua base seguidora, maior é

a amplitude de atitudes que este pode tomar, mesmo que estas fujam brevemente da semelhança entre político e público, e, mesmo assim, manter o seu monopólio e o seu poder simbólico (LE BON, 2001).

Le Bon apresenta a teoria de que o carisma de um indivíduo, por vezes, tem valor maior do que a comprobabilidade de suas ideias. Já em Max Weber encontra-se a definição de carisma:

Denominamos “carisma” uma qualidade pessoal considerada extracotidiana (na origem, magicamente condicionada, no caso tanto dos profetas quanto dos sábios curandeiros ou jurídicos, chefes de caçadores e heróis de guerra) e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como “líder” (WEBER, 2012, p. 158-159).

Como também aponta Weber, o “desvio” não pode exceder um tempo-limite, caso contrário, o carisma não mais será reconhecido.

Se por muito tempo não há provas do carisma, se o agraciado carismático parece abandonado por seu deus ou sua força mágica ou heróica, se lhe falha o sucesso de modo permanente e, sobretudo, se sua liderança não traz nenhum bem-estar aos dominados, então há a possibilidade de desvanecer sua autoridade carismática (WEBER, 2012, p.159).

Para a obtenção da validação inicial pelo voto, a semelhança é fundamental: o homem público deve representar um grupo de indivíduos e um grupo de ideias. Este representante deve estar inserido em um partido que compartilhe dos mesmos valores que ele e o seu público.

Wilson Gomes fa suas considerações sobre as transformações históricas das democracias:

Historicamente [...] o centro do poder de Estado parece ser ocupado pela esfera política, em cujo núcleo está o governo, restando à

esfera civil apenas a função de intervenções episódicas em eleições para escolher, em função de cliente, uma dentre as várias opções de configuração do Estado produzidas pela esfera política e oferecidas no balcão eleitoral (GOMES, 2011, p. 87).

Desde o fim da hegemonia do campo religioso, o centro do Estado é ocupado pela esfera política e a esta cabem algumas atribuições que, na forma de uma democracia direta, se tornariam impraticáveis. Para tanto, a democracia representativa se mostra a solução mais eficaz atualmente e é representada, em sua figura máxima, pelo presidente da república, chefe do poder executivo, junto com deputados, senadores e juristas, representando os poderes legislativo e judiciário (este último sem eleições diretas). Sobre os poderes, segue Gomes:

Embora o governo tenha conseguido uma autorização civil para a condução do Estado, e embora os seus programas tenham sido autorizados na disputa eleitoral, o seu poder consiste em conduzir a administração do Estado e em executar programas e projetos na dependência de sua aprovação pelo colegiado dos produtores de decisão política, a assembléia política.

Isso quer dizer que o partido no governo precisa, para executar os seus próprios programas e projetos, contar com a mediação parlamentar, que é composta também por uma oposição que está permanentemente em competição pelos poderes públicos com aquele que governa (GOMES, 2011, p. 91).

Podemos extrair a essência da responsabilidade de um governante compreendendo que o governo recebe uma autorização da população para conduzir a administração do Estado por meio da validação das propostas em período eleitoral e deve executar de programas e projetos que ainda passarão pela aprovação dos poderes legislativo e judiciário.

Retome-se Maquiavel para compreender a arena em que se embatem os principais atores políticos de uma sociedade em busca do poder e prestígio que um lugar na *Ágora* moderna proporciona:

O fato de elevar-se alguém a príncipe pressupõe valor ou boa sorte, evidentemente qualquer destas razões tem a propriedade de mitigar muitas dificuldades (MAQUIAVEL, 2011, p. 30).

Para receber o voto de confiança, a compra e, por que não, o amor do eleitorado, o príncipe das últimas décadas precisa provar seu valor ou boa sorte, tal qual o príncipe do século XVI precisava para manter a sua governabilidade intacta ante os seus súditos. Quando o povo pressupõe valor em um candidato a príncipe, as suas chances de elevar-se ao cargo aumentam. Surge agora a questão de como mostrar seu valor, de como comprovar que luta pelo bem do povo. É nesta lógica que o *Colosseo*⁷ moderno se apresenta: o período eleitoral infinito que é a vida de um *Politikós*.

Outrora, o amor do povo poderia ser mais facilmente conquistado, já que um príncipe, para demonstrar um bom governo, precisava fazer pouco além de tomar boas decisões e proporcionar uma boa vida para os seus súditos. Com o advento da imprensa televisiva⁸, porém, a vida do governante passa a ser constantemente vigiada e espetacularizada. Com a televisão, o *colosseo* da política deixa de ser o período eleitoral e passa a ser a própria televisão: cada decisão agora importa. Uma decisão impopular pode cobrar o seu preço na batalha propriamente dita, o período eleitoral. A era da comunicação inicia uma nova era no jogo político e prontamente toma o espaço da própria política, tornando-se um dos principais agentes decisores em uma sociedade democrática. Na era da internet, o indivíduo político ganha mais um canal de comunicação com o seu eleitorado, entretanto, da mesma forma, o eleitorado ganha mais uma ferramenta para buscar e produzir informações conteúdos políticos⁹.

Chegamos no Príncipe Eletrônico, de Octavio Ianni (sucessor dos príncipes de Maquiavel e Gramsci) que agora não mais é pautado pela sua soberania ou pelo seu partido. O príncipe eletrônico é pautado pelo *media*.

No âmbito da “democracia eletrônica”, dissolvem-se as fronteiras entre o público e o privado, o mercado e a cultura, o cidadão e o consumidor, o povo e a multidão. [...] Aos poucos, o político, o

⁷ Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Coliseu>>. Acesso no dia 07 de junho de 2018;

⁸ Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Televisor>> . Acesso no dia 16 de março de 2018;

⁹ Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/internet-e-a-segunda-principal-fonte-de-informacao-sobre-politica-8912.html>> . Acesso no dia 26 de maio de 2018;

partido, a opinião pública, o debate sobre problemas da realidade nacional e mundial, as possibilidades de opções dos eleitores e a controvérsia sobre planos alternativos de governo, tudo isso tende a basear-se nas linguagens, recursos técnicos, teatralidade e encenação desenvolvidos pelos programas de entretenimento. [...] Esse é o clima no qual a política tem sido levada a inserir-se, como espetáculo semelhante a espetáculo dentro do espetáculo. Modificam-se os signos e significados, figuras e figurações, de tal maneira que ocorre a dissolução da política na cultura eletrônica de massa, na qual dissolvem-se ou deslocam-se territórios e fronteiras envolvendo os espaços público e privado, o consumismo e a cidadania, a corrente de opinião pública e o comportamento de auto-ajuda, a realidade e a virtualidade (IANNI, 1999, p.18).

Público e privado se confundem. O príncipe agora é uma figura onipresente que está sempre sob o atento olhar do público e, principalmente, da mídia que busca desesperadamente o espetáculo. O príncipe eletrônico, para a manutenção do poder, tem de se preocupar mais com a sua imagem do que com o bem-estar do povo. Desde Maquiavel, é a primeira vez em que a boa administração da política, e tudo o que a toca, não são necessariamente o suficiente para que o príncipe seja amado. A última e mais atual fase da política tem menos a ver com política e mais com espetáculo. O que o político faz tende a importar menos do que a sua imagem, o que ele aparenta ser. Tudo agora se resume à linguagem, aos recursos técnicos, à teatralidade e encenação.

2.1.1 As particularidades da política norte-americana

Tomada como sinônimo de liberdade e democracia, a sociedade norte-americana, é um importante exemplo do jogo político atual.

A política dos Estados Unidos exerce influência sobre outros países. Aspectos fundamentais desta política são mimetizados em países do mundo inteiro, inclusive no Brasil. Além disso, a influência americana pode ser fator determinante em decisões tomadas por todo o mundo.

A história da política americana inicia-se com a independência das Treze Colônias da Inglaterra¹⁰. Logo após, a Convenção Constitucional da Filadélfia¹¹ apresenta¹² as cinco páginas da Constituição¹³ de 1787, que vigora até hoje e recebeu diversas emendas, incluindo as *Bill Of Rights*¹⁴.

A constituição americana é a segunda carta magna mais antiga do mundo¹⁵, mesmo com as suas 27 emendas é a carta vigente mais curta do mundo, mostrando que as crenças dos seus idealizadores ainda permeiam fortemente a política do país até os dias de hoje.

Interessa observar, portanto, as cartas do terceiro presidente americano e autor da carta de independência¹⁶ que inspirou diversas democracias pelo mundo, Thomas Jefferson, que teve papel fundamental na independência das Treze Colônias e na Convenção Constitucional da Filadélfia. Nelas é possível compreender os ideais revolucionários, focados principalmente nas liberdades individuais de cada cidadão, conceito que fundamenta a política americana até os dias atuais, além da baixa intervenção do governo. Este último, porém, a contragosto de Jefferson, como se observa no trecho a seguir:

Caso a convenção proponha estabelecer agora um forma de governo, talvez fosse propício convocar por um breve período seus delegados. Trata-se de um trabalho de mais interessante natureza e tal que todo indivíduo haveria de desejar ter nele sua opinião (JEFFERSON, 1985, p.3).

Em 1776, Jefferson já tratava com Thomas Nelson sobre a Convenção Constitucional. Na carta anterior, podemos perceber uma das características mais

¹⁰ Disponível em: <<https://www.infoenem.com.br/entenda-o-processo-de-independencia-das-treze-colonias-inglesas/>> Acesso no dia 16 de março de 2018;

¹¹ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Conven%C3%A7%C3%A3o_de_Filad%C3%A9lfia>. Acesso no dia 16 de março de 2018;

¹² Disponível em: <https://static.america.gov/uploads/sites/8/2016/04/The-Constitutional-Convention_Portuguese_508.pdf>. Acesso no dia 16 de março de 2018;

¹³ Disponível em: <<http://www.uel.br/pessoal/jneto/gradua/historia/recdida/ConstituicaoEUARecDidaPESSOALJNETO.pdf>>. Acesso no dia 16 de março de 2018;

¹⁴ Disponível em: <<https://www.archives.gov/founding-docs/bill-of-rights-transcript>>. Acesso em 08 de junho de 2018;

¹⁵ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Constitui%C3%A7%C3%A3o_dos_Estados_Unidos>. Acesso no dia 26 de maio de 2018;

¹⁶ Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/biografias/thomas-jefferson.jhtm>>. Acesso no dia 08 de abril de 2018;

proeminentes da política americana: a votação indireta via colégio eleitoral, peculiar do Estado americano e que continua vigente. Para a eleição presidencial, os mais de 200 milhões de americanos têm 538 delegados de todos os estados para formar o Colégio Eleitoral¹⁷. O número de delegados é proporcional a cada estado e pode variar¹⁸ de 55 (Califórnia) até 3 (Distrito de Columbia e outros). Dos 50 estados americanos, em 48 (além de Washington D.C.) o sistema *the winner takes it all*¹⁹ é adotado. Sendo assim, todos os votos do estado vão para apenas um candidato: o que obteve mais delegados na localidade. Para a vitória, é necessária apenas a maioria simples (270 delegados). Tal sistema, pode eleger um candidato que recebeu menos votos, caso do último presidente eleito, Donald Trump²⁰, e de George W. Bush²¹, em 2000. Por outro lado, o sistema de divisão do colégio eleitoral por delegados responde a um anseio importante de Thomas Jefferson, como explicitado em sua carta a Joseph C. Cabell:

Não, meu amigo, o processo para se ter um governo bom e seguro não está em confiá-lo a um só, mas em dividi-lo entre muitos, distribuindo exatamente a cada um as funções para as quais ele tenha competência. Sejam confiadas ao governo nacional a defesa do país e suas relações estrangeiras e federais; aos governos dos Estados (sic) os direitos civis, as leis, a polícia e administração que diz respeito aos Estados (sic) em geral; aos condados, os interesses locais dos próprios condados, dirigindo cada distrito, dentro de si mesmo, esses interesses (JEFFERSON, 1985, p.38).

Além de demonstrar sua preferência pela pulverização do poder entre várias mãos, o que explica a divisão em Colégio Eleitoral, a carta de Jefferson mostra outra importante característica da política norte-americana: a autonomia dos estados em

¹⁷ Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-37902090>>. Acesso no dia 08 de abril de 2018;

¹⁸ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37902090>>. Acesso no dia 08 de junho de 2018;

¹⁹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/0,,MUL740676-15525,00-ENTENDA+COMO+FUNCIONAM+AS+ELEICOES+NOS+ESTADOS+UNIDOS.html>>. Acesso no dia 26 de maio de 2018;

²⁰ Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2016/noticia/2016/11/por-que-hillary-perdeu-a-eleicao-mesmo-recebendo-mais-votos-que-trump.html>>. Acesso no dia 08 de abril de 2018;

²¹ Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/07/H%C3%A1-16-anos-Gore-%E2%80%98venceu%E2%80%99-Bush-mas-n%C3%A3o-levou.-Como-o-sistema-americano-permite-algo-assim>>. Acesso no dia 08 de abril de 2018;

relação à União. Cada estado americano tem autonomia para decidir leis importantes conforme as suas particularidades, tendo apenas como norteador a constituição. Tal característica é a responsável por discrepâncias como estados vizinhos que têm leis diferentes sobre o porte de armas e a pena de morte, por exemplo. Esta característica considera cada estado como constituído de uma realidade distinta, e vai ao encontro dos anseios de Jefferson, que acreditava que um governo bom e seguro não poderia ser confiado a um só indivíduo.

Ainda sobre o processo eleitoral americano, é importante ressaltar uma característica incomum que será retomada mais à frente: no caso de nenhum candidato receber a maioria simples dos votos, 270, a câmara de representantes fica como responsável para decidir o vencedor das eleições entre os três candidatos que tiveram maior representatividade. O Senado, então, fica responsável, em um processo semelhante, pela eleição do vice-presidente. Na história dos EUA ²²apenas o presidente John Quincy Adams²³ foi eleito desta forma, em 1824. O empate também só aconteceu uma vez e, em 1800, a câmara dos representantes elegeu o próprio Thomas Jefferson²⁴ como o terceiro presidente dos Estados Unidos.

O sistema eleitoral americano não foi arquitetado unicamente por Jefferson. Os “pais fundadores dos Estados Unidos” (Jefferson, George Washington, George Clymer, Benjamin Franklin, George Taylor e George Rea)²⁵ decidiram pela implementação do sistema já que as Treze Colônias ainda não gozavam de uma grande unidade e o sistema foi uma forma saudável de manter a autonomia de cada colônia, validando a liderança destes políticos.

2.1.2 O presidencialismo norte-americano

Além do sistema eleitoral, as cinco páginas da constituição americana trouxeram mais pontos fundamentais e que seriam posteriormente adaptados em

²² Estados Unidos da América;

²³ Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei%C3%A7%C3%A3o_presidencial_nos_Estados_Unidos_em_1824.

Acesso no dia 27 de maio de 2018;

²⁴ Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei%C3%A7%C3%A3o_presidencial_nos_Estados_Unidos_em_1800.

Acesso no dia 27 de maio de 2018;

²⁵ Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historia-da-america/pais-fundadores-dos-estados-unidos.htm>. Acesso no dia 08 de abril de 2018;

outras constituições no mundo ocidental. Em carta a John Cartwright, Jefferson, já no fim da vida, exprime um dos conceitos que norteiam a sociedade americana desde os seus primórdios: a liberdade individual de seu povo.

[...] todo poder é inerente ao povo; que este pode exercê-lo em todos os casos em que se julgue competente para fazê-lo (como na eleição de seus funcionários executivo e legislativo, na decisão de um júri deles mesmos em todos os casos judiciários em que qualquer fato esteja envolvido), ou pode agir por meio de representantes, livres e igualmente eleitos: que é seu direito e dever estar sempre armado; que tem direito à liberdade pessoal, à liberdade de religião, à liberdade de propriedade e à liberdade de imprensa (JEFFERSON, 1985, p.32).

Todo poder ao povo. A eleição de seus representantes, direitos como o porte de armas, liberdade pessoal, liberdade de religião, liberdade de propriedade e liberdade de imprensa são facilmente identificados durante toda a história dos Estados Unidos pós independência. A carta ainda traz detalhes sobre as decisões judiciais americanas, geralmente formadas por júris populares.

A Edmund Randolph, Jefferson escreve mostrando outro ponto fundamental da sociedade americana:

O organismo todo da nação são o Legislativo e o judiciário soberanos e o Poder Executivo em si mesmo. A inconveniência de reunir-se para exercer esses poderes pessoalmente e sua inaptidão para exercê-los induzem-nos a nomear órgãos especiais para declararem a vontade do Legislativo, para julgarem e executarem esses direitos (JEFFERSON, 1985, p.25).

A carta considera a independência dos três poderes, base fundamental da democracia norte-americana e que foi trazida para o Brasil na constituição de 1988. O poder executivo federal, representado pela figura máxima do Presidente da República, é subjugado pelos outros dois poderes, a fim de que se evite a extrema concentração de poder nas mãos de um único indivíduo. O Judiciário, como o próprio Jefferson define, é o único poder não eleito pelo povo, que não tem o

conhecimento jurídico e, portanto, a capacidade de escolhê-lo. Este poder é, portanto, nomeado indiretamente, pelas mãos do representante do executivo eleito pelo povo²⁶.

Apesar da descentralização do poder, o presidente da república tem em suas mãos um cargo de extremo prestígio, um vício de qualquer república, segundo Tocqueville:

Esta dependência do Poder Executivo é um dos grandes vícios inerentes às constituições republicanas. Os americanos não puderam anular a tendência que leva as assembleias legislativas a apoderar-se do governo, mas tornaram essa inclinação menos irresistível. O Senado tem o direito de tornar estéreis alguns atos do presidente; mas não pode forçá-lo a agir, nem compartilhar do poder Executivo (TOCQUEVILLE, 1985. p. 207).

Ou seja, a sociedade americana ainda se encontra sob o jugo de um único indivíduo que encontra algumas barreiras impostas pelos outros poderes.

2.2 As intersecções entre os campos da política e da comunicação

Vivemos em um tempo em que a política convive e produz espetáculos, imagens, ações frente às câmeras e midiatização de toda e qualquer decisão tomada. Todos estes são indicadores da convergência do campo político com o campo da comunicação

Wolton percebe que a comunicação, como a política, deve tentar organizar a coabitação entre os homens. (WOLTON, 2004). O autor mostra a intersecção entre os dois campos: ambos têm em sua essência o mesmo objetivo, o de organizar a sociedade.

Estas similaridades não são coincidência, comunicação e política formaram o “casal perfeito”. Isto porque ambas se tornaram organismos, de certa forma, interdependentes. A comunicação fornece o espaço que os políticos necessitam para expor as suas ideias e maximizar as suas chances de eleição e reeleição, enquanto a política devolve espetáculos, que a comunicação necessita para se

²⁶ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/como-funciona-suprema-corte-dos-estados-unidos-20845646>>. Acesso no dia 27 de maio de 2018;

manter relevante. Esta colaboração, nem sempre, voluntária imprime uma característica muito particular na atuação do político na era da comunicação: o ator político agora é um ser preocupado, em cada momento do seu dia-a-dia, com a sua imagem perante o público, imagem esta que é mediatizada pelo campo da comunicação.

Tudo está na “instantaneidade” e na “transparência”. Um fenômeno idêntico ocorre no plano sociopolítico: passamos da idéia (sic) segundo a qual não há democracia sem espaço público para uma outra, mais aventureira, segundo a qual “tudo” deve estar na praça pública, sendo a comunicação responsável pela transparência dos desafios (WOLTON, 2004, p. 77).

Destaca-se, em Wolton, o uso da palavra “transparência”. A transparência passa a ser tratada, tanto no campo político quanto no midiático, como imprescindível para o estado democrático de direito. Chama a atenção a cruzada de ambos os campos por conceitos centrais em uma sociedade permeada pelas comunicações, a instantaneidade e a transparência. Aspectos do jogo político, agora, devem não só estar na praça pública, como devem estar na praça pública imediatamente após o ocorrido. E House of Cards exemplifica o uso do espetáculo e do imediatismo midiático principalmente nas decisões tomadas nos bastidores de campanha que são tomadas, em linhas gerais, já tendo-se em mente que tipo de repercussão midiática elas gerarão.

Sobre o espetáculo, Wolton continua:

As mídias têm um forte impacto a curto prazo. Basta lembrar do efeito de qualquer fato dramático mediatizado para percebê-lo: atentado, catástrofe natural, evento político, guerra, assassinato... É o reino do “ao vivo”, da emoção e do *zapping*. A supermediatização de eventos graves na escala mundial perturba as consciências (WOLTON, 2004, p. 86).

Um evento comum não tem o os componentes necessários para a mediatização imediata, o drama faz-se necessário, e este vem das distorções e desvios do campo político, transformados em escândalos.

Maria Helena Weber traz um exemplo ficcional que explica o relacionamento intrínseco entre a mídia, o espetáculo e a política no filme “Mera coincidência”. Na película, o presidente dos Estados Unidos (Michael Belson) pouco antes das eleições em que disputaria o seu segundo mandato, vê um escândalo sexual prestes a estourar. Por si só, um escândalo deste nível seria um espetáculo forte o suficiente para decidir uma disputa pela presidência, ainda mais levando em conta o curto período para que o público esquecesse do ocorrido. A fim de evitar o problema, o presidente, por meio de um assessor, convoca um produtor de Hollywood (Dustin Hoffman) para que se crie uma “guerra” contra a Albânia. Na peça midiática criada o presidente desempenha um papel fundamental na pacificação da suposta guerra. O espetáculo recebe total atenção da imprensa e ofusca as denúncias de infidelidade. O presidente acaba reeleito e o único prejuízo é um breve desentendimento diplomático com a Albânia, que é prontamente neutralizado.

A sisudez política ao ser desmistificada quanto à sua dimensão ética, pela estética cinematográfica que expõe as vísceras do poder, mostra seu lado sórdido e oferece insumos para liberar o espectador de acreditar na política, sendo mais confortável, consumi-la. Para o cinema, exemplificado em Mera Coincidência, importa o escândalo: interrompido, exacerbado, programado. Para que ele exista é preciso incluir a mídia: informando-a, manipulando-a, ou tornando-a cúmplice. Melhor mantê-la do mesmo lado do que dela se defender, se ela estiver exercendo seus plenos poderes (WEBER, 2002, p. 212).

Cabe analisar a precisão com que o filme trata a importância do escândalo também para a televisão, a imprensa que, é verdade, alimenta-se, a priori de verdades, ao contrário do cinema que pode optar pela ficção, contudo as notícias são priorizadas por diversas questões que vão desde o público-alvo, passando pela ideologia e pelas características do meio de comunicação e da empresa proprietária, entretanto, um dos principais critérios é a “qualidade da história” que é geralmente medida pela capacidade da história de gerar boas imagens, bons enredos, em suma, um bom espetáculo e um bom espetáculo pode ser originado

em um escândalo, uma guerra, uma decisão polêmica ou populista, uma transgressão pessoal do homem político, etc. Weber resume a intersecção entre os campos da comunicação e da política: “Fazer política na contemporaneidade é construir estratégias próprias, também, para a fabricação de espetáculos” (WEBER, 2002, p.236).

Algumas das intersecções entre comunicação e política se expressam por meio de espetáculos que têm como objetivo maior retroalimentar ambos os campos, o primeiro com os escândalos, a imagem, a história, a espetacularização e o segundo com a divulgação, o espaço aberto, a “transparência”, a praça pública que o campo da comunicação oferece. Tudo isso tem um preço, e o preço é a supermediatização.

2.2.1 A imagem pública na política

A supermediatização implica que o ator político terá de se preocupar constantemente com um fator muito importante: a sua imagem perante o público.

Para tratar de política e imagem parte-se de Joly (2007). Assim, compreendemos que a imagem pública não é palpável, tampouco representa algo, não é mediatizada, mental, nem a imagem de uma imagem e, inclusive, sequer é visível.

Quando falamos de imagem de si ou de imagem de marca, estamos ainda a fazer alusão a operações mentais individuais ou coletivas, que neste caso insistem mais no aspecto construtivo e de identificação da representação do que no seu aspecto visual ou de semelhança. Mesmo sem uma iniciação específica ao complexo conceito de representação (que pode ser relativo à psicologia, à psicanálise, às matemáticas, à pintura, ao teatro, ao direito), compreendemos que se trata de uma elaboração que sobressai do psicológico e do sociológico (JOLY, 2007, p.21-22).

Martine Joly considera a imagem individual, a imagem de marca, a imagem de um político, a banalização do termo “imagem”. Para a autora, a “imagem de si” faz alusão a operações mentais individuais, ou seja, a imagem de um ator político não pode ser massificada, já que cada indivíduo fará a composição desta imagem

com base nas suas próprias experiências pessoais, juntando isto ao seu imaginário geral.

A autora define a imagem de um indivíduo como algo que “compreendemos que se trata de uma elaboração que sobressai do psicológico e do sociológico” (JOLY, 2007) e, neste pequeno excerto podemos perceber como um número demasiadamente grande de fatores que fogem do controle do homem público e de sua equipe de comunicação são relevantes: a geografia, o sexo, a situação social, o nível de escolaridade, o estado civil, a situação empregatícia, a renda, como se desloca, quanto tempo passa na rua, quanto tempo passa em casa, a vizinhança. Tudo pode influenciar na percepção de cada indivíduo. Cabe ao ator político agir para que a sua imagem seja mais ou menos padronizada ou, mesmo que, se diferente para cada grupo de indivíduos, seja positiva para todos.

Baldissera destaca os fatores presentes na constituição de uma imagem tão intangível quanto a imagem pública. Para o autor, trata-se da imagem-conceito:

Por fim, cabe destacar que a imagem-conceito não é uma questão de verdade ou de coerência. Nem o é de transparência ou de ética. Tampouco se reduz à comunicação. Transcendendo a essas questões isoladas, constrói-se na e sobre a significação que resulta da complexidade relacional entre as identidades (materiais, fantasiosas, virtuais ou oníricas) e suas alteridades (BALDISSERA, 2008, p. 199).

A imagem não tem, necessariamente, compromisso com a verdade ou coerência, não guarda relações com a transparência ou ética e se apóia na complexidade relacional entre as identidades e suas alteridades. Segundo o próprio autor, “A imagem-conceito não é da qualidade do verdadeiro, mas do que parecer” (BALDISSERA, 2006). Em outras palavras, um indivíduo público, ou mesmo uma organização, não precisam ser éticos e honestos, por exemplo, para serem tidos como éticos ou honestos, basta que estes *pareçam* ser éticos e honestos e o serão tidos como. É possível, inclusive, que “em casos extremos, pode ocorrer de a imagem-conceito revelar pouca ou nenhuma coerência/equivalência com o que é a entidade.” (BALDISSERA, 2006).

Sobre a imagem, Wilson Gomes esclarece:

[...] as estratégias eleitorais em particular e as estratégias políticas em geral supõem uma cultura política centrada no consumo de imagens públicas. . Os procedimentos de produção e circulação de imagens e de disputa pela imposição das imagens predominantes deslocam-se em direção ao centro da atividade estratégica da política (GOMES, 2011, p.24).

Gomes destaca a cultura da imagem para o ator político, tanto no período eleitoral, quanto nas estratégias e decisões políticas em geral. Para o autor, as próprias negociações políticas que ocorrer longe do olhar da mídia, longe do espetáculo e da percepção transparente do público em geral, resguardam, mesmo que em menor tom, a preocupação dos atores políticos envolvidos com a sua imagem individual e partidária, ou seja, a imagem não só rege os períodos eleitorais e os mandatos, mas também senta à mesa em negociações.

Compreendendo a importância da imagem pública para o jogo político, buscam-se os fundamentos para a construção desta. O que compõe a imagem de um ator social? Uma organização, por exemplo, constrói a sua imagem através do marketing, da publicidade, da qualidade de seus produtos, do seu preço, da forma como trata os seus funcionários, o meio-ambiente, a sociedade, etc. E para a construção da imagem pública ou, retomando Baldissera, a imagem-conceito do sujeito político candidato à presidência da república? Weber nos auxilia a responder:

A imagem pública da política, enquanto dispositivo acionado pelos pactos e disputas de poder, entre sujeitos, instituições e mídias, é o fator axial de funcionamento da comunicação contemporânea, entre organizações, indivíduos e sociedade que necessitam de visibilidade favorável nos planos pessoal, institucional, político e mercadológico. A imagem pública é resultante da imagem conceitual, emitida por sujeitos políticos em disputa de poder e recuperada na soma das imagens abstratas (o intangível, a imaginação), com as imagens concretas (o tangível, os sentidos) (WEBER, 2004, p. 261-262).

Como menciona Weber, a imagem resulta de uma imagem conceitual que a atuação política imprime, somada às imagens abstratas, intangíveis, que podem ter

a sua origem em diversas ações ou espetáculos, mas que culminam na construção mental popular e se afunilam na construção mental, sociológica e imagética de cada indivíduo. Soma-se a isso, ainda, o que é tangível, visível, palpável e, de certa forma mais facilmente perceptível e analisável.

A construção da imagem leva em conta uma série incontável de fatores. Alguns, mais notáveis, merecem atenção. O primeiro deles é a vida pessoal do candidato. Neste quesito, diversos fatores entram em questão: este goza de um casamento bem-sucedido? Têm histórico de agressões, verbais ou não? Ou, pelo contrário, é tido como um bom cidadão, respeitoso e de boa índole, com uma família que aparenta felicidade e com negócios bem-sucedidos? Cabe notar, aqui, que a vida pessoal do indivíduo político não têm um script pré-estabelecido. Se, outrora, estar em um matrimônio estável era mandatário para um candidato, hoje em dia o nicho de candidaturas que exprimem outras características, como a homossexualidade, a libertação das amarras sociais, etc. têm grande simpatia em determinados nichos e podem levar à eleição. Entretanto, quando falamos em uma eleição majoritária, como para a presidência da república, a tendência ainda parece ser o conservadorismo. Fatores como um casamento (heterossexual) bem sucedido, o passado não-transgressor, a educação formal (graduação), etc. Em Gomes encontramos algumas explicações:

O que se faz e o que não se faz, o que se diz e o que se deixa de dizer, o tom de voz, o vocabulário, o olhar, a cor da pele, as companhias que se tem, a esposa ou o esposo e suas características, os costumes sexuais, tudo pode ser convertido em primeiro termo de um raciocínio inferencial. [...] Somente com esse pressuposto faz sentido o primeiro silogismo importante para a política de imagem, que de tão simples deveria ser chamado de Silogismo Chapeuzinho Vermelho: quem tem orelha de lobo, dentes de lobo, mãos de lobo e pêlo de lobo tem que ser um lobo (GOMES, 2011, p. 252).

Um segundo fator determinante é o passado político, ou o que este ou aquele candidato já realizou como homem político ou como homem representante da não-política. “A credibilidade depende da legitimidade de quem fala, do seu ‘lugar de

fala', do poder fiduciário que lhe foi atribuído e da imagem sobre esta legitimidade, construída estrategicamente." (WEBER, 2004, p.263). Parece natural que o "lugar de fala" de um político experiente, que apresenta um passado com realizações, bons trabalhos e governos bem-sucedidos, sejam fatores relevantes para a construção de sua imagem. E frequentemente o são, mas cabe entender este fator como parte igualmente importante a outras tantas na construção da persona política de cada candidato, portanto um bom passado político pode ter sua importância reduzida em face de acusações de crimes, aspectos morais e sociais reprováveis (entenda-se como reprovável algo que o público não aceite ver mais, mesmo que já tenha sido aprovado no passado). Uma situação política turbulenta, inclusive, pode favorecer o candidato sem passado político, com uma proposta de renovação e frescor.

São dezenas de fatores que influenciam na percepção da imagem. A análise deste estudo busca compreender a imagem efetivamente almejada e, portanto, emitida pelo político e pela sua equipe de comunicação e identificada pelos aspectos que serão vistos nas cenas selecionadas da série House of Cards.

2.2.2 Os aspectos verbais e visuais na construção da imagem

O carisma depende fortemente de diversos fatores para se construir, dentre eles, certamente os visuais são os que mais são postos a prova: toda a aparição pública, toda mediação televisiva, toda fotografia, enfim, toda a interação entre público e pessoa pública carrega consigo o poder de desconstruir uma imagem com base nos aspectos visuais e discursivos.

O aspecto visual é um dos mais importantes fatores na construção de uma imagem, tanto por ser o fator que se expressa pelo visível, ou seja, o que tem maior contato com os sentidos do receptor, quanto por ser o responsável por validar todas as construções que o emissor, no caso, o ator político, pretende para com o seu público. Em House of Cards, por exemplo, percebe-se que a validação da imagem projetada pelo aspecto visual se mostra um importante fator de diferenciação na popularidade dos protagonistas.

Wilson Gomes explica:

Claro que elementos visuais podem contribuir para a formação de uma imagem, desde que se submetam a uma conversão em indícios, pistas, sintomas que sirvam para sustentar inferências lógicas. Assim, se Fernando Henrique veste-se de tal forma é por que é sofisticado e culto, de forma que o seu modo de vestir, a sua configuração visual, coopera na construção da sua imagem de sofisticação e cultivo (GOMES, 2011, p. 252).

Como afirma Gomes, um elemento, por si só, não compõe a imagem pública. Esta, portanto, não é verdadeira na qualidade do que se vê imediatamente, como uma cor, uma expressão corporal ou uma determinada vestimenta. Entretanto, a imagem mental, a ideia, o sentimento, a inferência lógica sim, compõem uma imagem pública, que, por sua vez, reside na interpretação, no sentimento. Sendo assim, como aponta Gomes (2011), o paletó azul de Fernando Henrique Cardoso não compõe a sua imagem pública, entretanto, a percepção que este traz, de que o ex-presidente é sofisticado, refinado e impecável, esta sim, compõe a sua imagem e é ativada pela percepção visual que do paletó azul.

A importância dos aspectos visíveis pode ser compreendida pelo exemplo do ex-presidente Fernando Henrique: bastariam algumas aparições em que seu penteado estivesse desarrumado, ou com roupas amarrotadas, sujas, etc. para que a percepção de sua impecabilidade e sofisticação fosse substituída por alguma de outro tom, talvez de desleixo ou mesmo então provocaria uma identificação no público mais simples, que vê a sofisticação como um problema.

2.2.3 A campanha eleitoral

Outra intersecção entre política e comunicação se dá na campanha eleitoral. Segundo Bracher e Machado (2014), compreende-se uma campanha de comunicação como:

A campanha corresponde a algumas exigências necessárias para que as mensagens publicitárias sejam eficientes. Sua característica central, a continuidade, permite o desenvolvimento de uma sequência lógica de argumentos, que não se interrompem em uma única oportunidade de convencimento do receptor, mas o acompanham através dos pontos de contato disponíveis com ele (BRACHER; MACHADO, 2012, p.3).

É também em Bracher e Machado (2014) que compreendemos que uma campanha publicitária pode ser de seis tipos. Entre eles, as campanhas políticas, que: “trabalham a imagem de candidatos a postos eletivos e dos próprios governos a fim de divulgar seus projetos, corrigir impressões negativas por parte da sociedade.” (BRACHER; MACHADO, 2012, p.5)

A campanha eleitoral concentra boa parte dos esforços comunicacionais da equipe de um político. Mesmo que este sempre esteja em campanha, é no período eleitoral que os debates se acirram, que tempos de TV são concedidos e que peças de comunicação dos mais variados formatos circulam.

Segundo Ferraz, uma campanha propriamente dita se inicia em uma decisão comunicacional:

Posicionar a candidatura, então, é a tarefa mais importante da campanha, que deve ser realizada antes dela começar, e que significa encontrar um espaço potencial de crescimento, que a torne competitiva dentro do quadro político da eleição (FERRAZ, 2008, p. 202).

Posicionamento de campanha é um termo comum ao cotidiano da comunicação, portanto, analisando-se Ferraz, compreendemos que o aspecto comunicacional da campanha é das tarefas mais importantes e iniciais em uma campanha eleitoral. Partindo-se do posicionamento da campanha é que são definidos fatores de como será trabalhada a imagem do candidato, por exemplo, que, lembrando Bracher e Machado, é um dos objetivos de uma campanha política.

Entre fatores que influenciam na imagem, estão os visuais. Francisco Ferraz traz também reflexões sobre esses fatores que compõem a imagem de um candidato, o que ele chama de campanha permanente²⁷:

Não é qualquer pessoa que fotografa bem no vídeo. Então, se se deseja um candidato que comunique bem, e cuja imagem seja apreciada pelo público, suas qualidades fotogênicas, sua desenvoltura no trato com a câmera, seu timbre de voz e outros

²⁷ O que define e caracteriza a campanha permanente é:

- Atitude pessoal do político
- Ações de campanha, compatíveis com o momento
- Comunicação com os indivíduos, como eleitores. (FERRAZ, 2008, p. 39);

atributos (importantes e necessários para o profissional de imagem, mas pouco relevantes para um líder político) podem se tornar fatores de eliminação ou de seleção de candidatos (FERRAZ, 2008, p. 202).

Neste trecho, Ferraz trata mais especificamente das características físicas do candidato, que podem fazer a diferença em um pleito e pode, inclusive, ser fator mais determinante do que a própria capacidade do político de ocupar o cargo para o qual busca ser eleito. Ele cita como exemplo Ronald Reagan (FERRAZ, 2008, p. 202), enfatizando que, como muitos candidatos buscavam parecer-se com uma estrela de cinema, elegeu-se, então, um artista de cinema. O “fotografar” bem pode ser o diferencial em uma candidatura e não são apenas os aspectos físicos como a beleza ou estatura que importam: o olhar, a cor da pele, a vestimenta, a linguagem corporal, todos devem comprovar a imagem que o candidato quer vender, todas devem seguir o “script” pré-definido para a candidatura e, caso o político tenha um script que não condiz com a sua personalidade, terá que explorar o seu lado artístico para que a impressão desejada seja transmitida²⁸.

²⁸ [...] é fundamental levar em conta que, havendo descolamento, haverá a necessidade da representação de um papel.

A imagem desejada equivale a um “script” que o candidato deve representar para o público. Uma das consequências mais importantes desta condição é que: “quanto mais a imagem descolar-se da personalidade do candidato, maiores serão as exigências sobre as suas qualidades como ator”. (FERRAZ, 2008, p. 65);

3 SÉRIES TELEVISIVAS E O QUE REPRESENTAM

Uma das formas de se analisar temas comuns da nossa sociedade, como a própria política, é aprofundar-se sobre produtos audiovisuais, pois estes retratam aspectos do dia-a-dia de diversos campos que, por vezes, acabam pertencendo apenas aos atores destes. É nessa “tradução” do campo político por meio de um produto audiovisual que a série *House of Cards* se constrói. Jost observa

Para preencher o fosso existente entre o mundo real e aquele da ficção, são suficientes algumas portas de acesso que permitam dominá-lo [...] uma ou duas aberturas são suficientes para que o mundo de uma ficção se torne familiar. [...] A primeira abertura [...] é a atualidade, que os defensores do realismo identificam às vezes com a realidade em geral (JOST, 2012, p. 28).

Pode-se notar as intersecções entre realidade e ficção, além de sermos apresentados à percepção de que alguns recursos são suficientes para que se quebrem as barreiras entre televisão e realidade, de modo que o que é exprimido pelos roteiristas pode sim tomar contornos de realidade, ao que o autor chama de “atualidade”, ou seja, a capacidade da produção de mostrar-se coerente com a atualidade, com o cotidiano, com o “mundo real”. Para ele há ainda outras duas aberturas, a universidade antropológica (capacidade da produção visual de fazer com que os indivíduos que a assistem identifiquem-se com os sentimentos transmitidos, pouco importando as características diferenciadoras dos personagens, mas sim a universalidade dos sentimentos humanos, o que é explicado como “o paradoxo de Dallas²⁹”) e a midiaticização (percepção dos “filhos da televisão” de que a realidade se exprime primeiramente por meio de uma tela) Jost (2012).

Seriados com conexões com a realidade e ambientação extremamente precisas e estudadas (como *House of Cards* que, mesmo com exageros narrativos³⁰

²⁹ Os primeiros estudos sérios sobre as séries salientam o paradoxo de Dallas: embora essa soap-opera tenha contado fatos, gestos e atitudes de uma família de petroleiros texanos, os telespectadores de todos os países seguiram com paixão suas aventuras, pois os seus problemas sentimentais os aproximavam de cada um de nós. (ANG apud JOST, 2012, p. 30);

³⁰ Segundo o artigo da Folha de São Paulo: “Na Washington de hoje, um líder da maioria na Câmara não tem tanto poder para aprovar leis como o deputado vivido por Kevin Spacey.”. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/05/1272686-series-de-tv-colocam-personagens-na-casa-branca-e-nos-bastidores-da-politica-americana.shtml>>. Acesso no dia 30 de abril de 2018;

é considerada uma das séries que retratam com maior precisão³¹ os bastidores da política) contudo, não nasceram de uma hora para a outra. A serialidade tem suas raízes nos folhetins³².

Ciente disso, ao se consolidar como indústria ainda nas primeiras décadas do século 20, o cinema vai adotar a fórmula seriada para conquistar e manter o público. Muitas vezes um personagem, o vagabundo de Chaplin, por exemplo, com sua vestimenta e gestos instantaneamente reconhecíveis, era o suficiente para fazer um mundo de gente se interessar por novas aventuras de um mesmo tipo. Outras vezes, abusava-se da simplicidade do suspense mantendo o herói suspenso por um fio à beira de um precipício ou da mocinha amarrada à linha do trem (o *cliffhanger*, ou gancho, recurso comum até hoje nos seriados e não apenas nos de ação)(STERLING, 2008, p. 9).

Como explica Sterling, com base no sucesso dos folhetins, a indústria do cinema logo adota a serialidade como parte da sua estrutura, trazendo personagens ou situações que se repetem em diferentes filmes do mesmo diretor. A prática se expandiu no cinema e hoje, mais de um século depois do vagabundo de Chaplin³³, universos inteiros são projetados em diferentes películas, como a Marvel que, além de seus quadrinhos, jogos, livros e séries, conta com mais de 20 filmes³⁴, todos com *eastereggs*³⁵, referências e *cliffhangers* que fazem com que os filmes conversem entre si, como se acontecessem durante uma só sessão de cinema.

³¹ Disponível em: <<http://blogs.correiobraziliense.com.br/proximocapitulo/house-of-cards-e-o-exemplo-de-quando-arte-imita-vida/>>. Acesso em 30 de abril de 2018;

³² Antes mesmo do surgimento da televisão e do cinema, as duas máquinas narrativas mais pesadas em ação ao longo do século passado, a literatura já oferecia o esqueleto e o princípio central de funcionamento dos relatos em série (STERLING, 2006, p. 8);

³³ Disponível em: <<https://omelete.com.br/filmes/artigo/o-vagabundo-personagem-de-charlie-chaplin-faz-100-anos/>> Acesso em 29 de abril de 2018;

³⁴ Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/slideshows/filmes/slideshow-137759/>>. Acesso em 29 de abril de 2018;

³⁵ Segundo o portal Tech Tudo: “O termo *easteregg* significa ovo de páscoa, em inglês, mas também é o nome dado a segredos escondidos em programas, sites ou jogos eletrônicos”. Disponível em: <<http://www.tech tudo.com.br/noticias/noticia/2013/09/o-que-sao-easter-eggs-e-quais-sao-os-mais-famosos-do-google.html>>. Acesso em 29 de abril de 2018;

O sucesso dos *cliffhangers*, não se deu apenas no cinema, no rádio, as *soap operas*³⁶ passaram a se destacar, com a serialidade, temporalidade e continuidade como marcas registradas além dos ganchos (*cliffhangers*) que perpetuaram seu sucesso folhetinesco. Em *House of Cards*, os *cliffhangers* se espalham por toda a narrativa. Um exemplo é o final da primeira temporada, que indica, por meio de um telefonema, que o personagem principal tentará buscar o posto de vice-presidente³⁷.

O sucesso das *soap operas* radiofônicas atraiu os executivos dos quatro grandes estúdios de televisão americanos³⁸, mas estes tiveram de enfrentar, em um primeiro momento, a limitação técnica, a impossibilidade de transmitir um programa gravado.

A restrição, contudo, não impedirá os produtores de adaptar formatos narrativos para a tv, sobretudo aquele tipo de conteúdo de comprovada popularidade em outras mídias. É o que acontece a partir de 1945, com programas como NBC Television Theater, peças de teatro criadas em estúdio e transmitidas pela TV - formato dramático que marca com um selo de nobreza um veículo ainda não massificado (STERLING, 2006, p. 11).

O primeiro recurso foi o teleteatro, produções de alta qualidade transmitidas ao vivo para o pequeno público de uma televisão ainda não massificada, nos anos 40. É também neste período, que o gênero *soap opera* marca a sua estréia na TV americana. “O ano de 1946 marcou a estreia na tv das *soap operas*, gênero que a DuMont inaugura com *Faraway Hill*” (STERLING, 2006, p. 11). A partir da adaptação para a televisão deste popular formato é que a serialização televisionada deslança,

³⁶ *Soap Opera* é o formato seriado para o que, no Brasil, comumente chamamos de novela. Segundo o guia English Experts, a origem do termo *soap opera* remete aos primeiros anúncios transmitidos nos intervalos das novelas: “quando as primeiras novelas começaram a ser produzidas, logo passaram a ser patrocinadas por fabricantes de sabão e sabonete. Com a grande audiência atraída por este tipo de programa, estes fabricantes notaram que seus anúncios – destinados ao público feminino da época – teriam mais visibilidade nos horários das novelas, que passaram então a serem chamadas de “*soap operas*” em inglês.”

Disponível em: <<https://www.englishexperts.com.br/por-que-novela-em-ingles-e-soap-opera/?lang=pt-br>>. Acesso no dia 29 de abril de 2018;

³⁷ Disponível em: <<http://ew.com/recap/house-of-cards-season-1-episodes-11-12-finale/>>. Acesso no dia 30 de abril de 2018;

³⁸ Nos EUA, o surgimento de uma programação de TV mais consistente acontece a partir de 1944, com quatro redes principais dominando o novo veículo: ABC, CBS e NBC, presentes até hoje, e DuMont, que sobreviveu apenas até 1955. (STERLING, 2006, p. 10-11)

logo, surgem as séries, tendo como o seu primeiro expoente o formato *sitcom* (comédias de situação)³⁹

A superação de um limite técnico deu ao formato a possibilidade que ainda lhe faltava. Em 1953, 80% da programação de TV era construída por emissões ao vivo. Com a entrada do videotape, quatro anos depois, essa proporção se inverte rapidamente. [...] Antes, porém desse avanço técnico decisivo, foi a inteligência esperta da atriz Lucille Ball que deu origem direta ao formato de *sitcom* (abreviação para “comédia de situações”), gênero fundados dos seriados de TV (STERLING, 2006, p. 14).

Foi *I love Lucy* (1951-1957), de Desi Arnaz e Jass Oppenheimer, com a atriz Lucille Ball, conhecida como a rainha da comédia⁴⁰, que inaugurou o que conhecemos hoje por séries televisivas. Após a popularização do formato por Lucille Ball, os anos 50 e 60 são marcados por excelentes produções seriadas, que apostam em personagens recorrentes e situações que se criam e se resolvem no mesmo episódio, uma sensação de que os *cliffhanger* não seriam bem aceitos pelo público, que esqueceria da história entre uma semana e a outra.

A guinada estética da indústria a partir de então foi em busca de um público adolescente, uma geração de consumo emergente e fácil de se maravilhar [...]. Não por acaso, a mutação das séries rumo a temas adultos e tratamentos mais complexos se dá por volta do mesmo período. E ela começa dentro do formato mais tradicional de seriados: na *soap opera*. Em 1978, estréia *Dallas*, um novelão sobre uma família de milionários texanos do mundo do petróleo e cuja trama girava em torno de três temas adultos: sexo, poder e dinheiro. [...] O interesse pelo seriado, transmitido uma vez por semana de 1978 a 1991, era garantido com a mesma fórmula usada para manter altos índices de audiência nas novelas brasileiras, o *cliffhanger* (STERLING, 2006, p. 24).

³⁹ Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/sitcom>>. Acesso no dia 29 de abril de 2018

⁴⁰ Disponível em: <https://www.imdb.com/name/nm0000840/bio?ref=nm_ov_bio_sm>. Acesso em 29 de abril de 2018;

Dallas (1978-1991), de Davis Jacobs inaugura uma nova era para as séries de TV. Após a adoção de fato dos *cliffhangers* o formato se populariza ainda mais, abrindo espaço para produções de séries mais ousadas, que marcaram os anos seguintes e que, até o surgimento do *streaming*, não sofreram grandes alterações em seu formato, baseado em histórias contínuas, temporais, com *cliffhangers* e camadas⁴¹ de histórias que se resolviam ao longo de alguns capítulos ou até com anos de espaçamento (as histórias com duas camadas, entretanto, não foram criações de Dallas, mas sim de Hill Street Blues⁴², de 1981).

É em meio a um formato já consagrado de séries que o serviço de *streaming* Netflix surge nos Estados Unidos.

O poder de decisão da programação pelo espectador através do serviço *on demand* inaugura uma nova autonomia na experiência audiovisual, simplificada na lógica do conteúdo “tudo o que você puder assistir” (ROSSINI, RENNEN, 2015. p. 5).

A Netflix, por meio do *streaming*⁴³ de séries, é uma das principais responsáveis pela maior mudança no consumo de séries desde os *cliffhangers* de Dallas ou, até mesmo, da inovação de Lucille Ball. Não mais limitado pelas grades de horários das emissoras (o que já havia sido amenizado pela popularização dos videocassetes⁴⁴), não mais reféns dos comerciais entre as programações e, principalmente, não mais submetidos a temporalidade (na maioria das vezes semanal) das séries televisivas, o consumo dos produtos audiovisuais sofre uma importante mudança a partir da

⁴¹ Para dar conta da profusão de personagens e de histórias que começam, não terminam no mesmo episódio e serão retomadas no seguinte ou só bem depois, os roteiristas da série desenvolveram uma estrutura narrativa em dois níveis. Cada episódio possui uma trama principal completa e uma ou várias tramas secundárias, que serão desenvolvidas ao longo da temporada ou até mesmo ao longo da série. A solução permite satisfazer uma tensão de cada episódio em particular e manter o interesse do espectador, que terá vontade de assistir episódios seguintes para acompanhar a solução de outras tramas deixadas pendentes. (STERLING, 2006, p. 27);

⁴² Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0081873/?ref=nm_sr_1>. Acesso em 29 de abril de 2018;

⁴³ Segundo o portal Tech Tudo: A tecnologia streaming é uma forma de transmissão instantânea de dados de áudio e vídeo através de redes. Por meio do serviço, é possível assistir a filmes ou escutar música sem a necessidade de fazer download, o que torna mais rápido o acesso aos conteúdos online.

Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2013/05/conheca-o-streaming-tecnologia-que-se-popularizou-na-web.html>>. Acesso no dia 29 de abril de 2018;

⁴⁴ Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Videocassete>>. Acesso no dia 29 de abril de 2018.

criação da Netflix, tendo em sua máxima expressão o *binge-watching*⁴⁵. Outra mudança foi no conteúdo: com a autonomia possibilitada pela plataforma, os estúdios podem concentrar seus esforços em produções menos focadas no público da televisão, trazendo temas mais polêmicos e sem as restrições dos executivos das grandes empresas de comunicação.

Apesar do reconhecimento da indústria audiovisual com as premiações na categoria “Televisão”, o Netflix [...] não se enquadra no conceito de que historicamente temos chamado de televisão (ROSSINI; RENNEN, 2015, p. 9).

Sem as restrições do veículo, naturalmente não podemos enquadrar a Netflix na categoria de televisão, o que influencia tanto no seu consumo, quanto nos seus produtos originais, que são um sucesso mais recente da empresa.

Foi pegando carona no sucesso das séries, que se manteve desde os anos 50, que a Netflix, que começou ainda nos anos 90 como uma locadora de filmes por correio⁴⁶, passa a disponibilizar o seu catálogo para os seus assinantes (a empresa adotou um sistema de assinaturas em 1999, no qual os assinantes, por uma quantia mensal, poderiam solicitar quantos filmes desejassem) por meio do seu website. Em 2007 e o sistema, ainda limitado em diversas localidades pela precariedade dos serviços de internet, começa apenas com alguns filmes e seriados “requeentados”⁴⁷, fazendo com que o serviço seja visto como uma alternativa das TVs e estúdios para disponibilizar seus conteúdos que já não teriam penetração nas grades de horários nas tevês ou nas salas de cinema. Entretanto, nos anos subsequentes a empresa firma parcerias importantes com estúdios e passa a lançar seus títulos mais rapidamente.

⁴⁵ Além das mudanças na ordem da produção e distribuição audiovisual, o Netflix tem sido apontado como incentivador de um novo comportamento na cultura audiovisual, o *binge-watching*. O termo refere-se a uma prática comum entre os assinantes do Netflix: assistir a vários episódios (geralmente, de 2 a 6 episódios) de maneira sucessiva, de uma só vez. Isso é possível devido ao modo como a empresa disponibiliza seu conteúdo seriado, pois ao contrário da televisão tradicional que se aproveita dos intervalos semanais entre a exibição dos capítulos de uma série, assim como dos intervalos publicitários entre os blocos de um mesmo capítulo, o Netflix disponibiliza todos os episódios das séries de uma só vez, sem intervalos ou interrupções comerciais, seguindo a sua lógica de autonomia para o espectador. (ROSSINI; RENNEN, 2015, p. 10);

⁴⁶ Disponível em: <https://media.netflix.com/pt_br/about-netflix>. Acesso em 29 de abril de 2018;

⁴⁷ Séries já finalizadas e filmes já antigos, sem muito valor comercial para as emissoras;

O Netflix já havia reorganizado a rígida lógica das janelas de distribuição, realizando acordos com estúdios de cinema e distribuidoras de conteúdo televisivo de modo a reduzir o tempo de espera para os produtos chegarem ao seu catálogo. Posteriormente, a empresa começou a produzir conteúdo próprio, disponibilizando-o de modo totalmente avesso à lógica da valorização das versões do produto pelo tempo de espera pelas mesmas (ROSSINI; RENNER, 2015, p. 5).

Uma em meio às criações originais da Netflix que nasce a série *House of Cards* (2013-), de Beau Willimon a já consagrada série americana que pega carona em dois sucessos recentes na indústria: o *streaming* e as séries com enfoque na temática da política.

3.1 A representação da política nas séries americanas

O tema política frequentemente é foco de produções audiovisuais, por se tratar de um tema comum a todos e foco de elaboradas teorias conspiratórias e jogos de poder. A temática foi por muito tempo explorada com sucesso no cinema⁴⁸, entretanto, os seriados políticos demoraram a emplacar, tendo como seu primeiro expoente de maior sucesso⁴⁹ a série *The West Wing*, de Aron Sorkin.

The West Wing (1999-2006) foi uma premiada série americana com sete temporadas (1999-2006) e que, até hoje, é uma das mais longevas séries sobre política. Desde 1999, poucas foram as séries com essa temática que atingiram tamanho sucesso⁵⁰. A série tratava do presidente fictício Josiah Bartlet (Martin

⁴⁸ RAMOS, Luciano Vaz Ferrerira. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/21933/12057>>. Acesso no dia 30 de abril de 2018;

⁴⁹ “Por muitos anos, só 'The West Wing' [exibida entre 1999 e 2006 conseguiu fazer sucesso com uma trama política. A maioria dos seriados políticos não chegava à segunda temporada e o telespectador parecia odiar Washington e seus personagens”, escreveu Brian Stelter, colunista de mídia e TV do 'New York Times'. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/05/1272686-series-de-tv-colocam-personagens-na-casa-branca-e-nos-bastidores-da-politica-americana.shtml>>. Acesso no dia 30 de abril de 2018

⁵⁰ Segundo a matéria do El País: “Desde o final de *West Wing*, em 2006, a política não tinha protagonizado a ficção na TV dos EUA.”. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/06/cultura/1425671740_099119.html>. Acesso em 30 de abril de 2018;

Sheen), do partido Democrata, e trazia ao público acontecimentos da Casa Branca, especificamente da Ala Oeste⁵¹ da casa presidencial, centro nervoso da Casa e sede do famoso Salão Oval⁵², conhecido escritório do presidente da república dos Estados Unidos. A série ganhou nove Emmy Awards⁵³ pela sua temporada de estreia, além de ter levado quatro prêmios de melhor drama, ambos, recordes até hoje não batidos.

Após o sucesso de *The West Wing* e um hiato entre o seu final, em 2006, e *The Good Wife* (2009-2016), de Michelle King e Robert King, o caminho para as séries com a temática política estava aberto: uma quantidade sem precedentes de séries com este enfoque entrou em produção. Em 2012 o Salão Oval volta ao centro das atenções com a aclamada produtora Shonda Rhimes lançando sua nova série *Scandal* (2012-2018), que trata sobre os bastidores da política americana e das complexas reviravoltas organizadas pela protagonista, Olivia Pope (Kerry Washington), e sua equipe para a manutenção de uma imagem positiva dos clientes de sua agência de relações públicas, normalmente políticos de alto escalão. Olivia frequentemente se envolve, inclusive, com a coordenadoria da equipe de comunicação do presidente Fitzgerald Grant III (Tony Goldwyn).

Também lançada em 2012, *Veep* (2012-), de Armando Iannucci, traz um enfoque menos comum: a comédia acompanha o dia-a-dia da vice-presidente da república Selina Meyer (Julia Louis-Dreyfus), que logo percebe que o cargo não é tão glamoroso quanto aparentava ser.

A partir de 2011 outros diversos títulos darão enfoque à política americana, entre eles ainda podemos citar: *Homeland* (2011-), de Howard Gordon e Alex Gansa, *Designated Survivor* (2016-2018), de David Guggenheim, *Madam Secretary* (2014-), de Barbara Hall, e *House of Cards*.

⁵¹ Disponível em: <<http://www.whitehousemuseum.org/west-wing.htm>> . Acesso em 30 de abril de 2018;

⁵² Disponível em: <<http://www.whitehousemuseum.org/west-wing/oval-office.htm>>. Acesso em 30 de abril de 2018;

⁵³ Disponível em: <<https://www.emmys.com/awards/nominees-winners/2000/outstanding-drama-series>>. Acesso no dia 30 de abril de 2018;

3.2 construção da imagem pública x sucesso político na série House of Cards

Em 2013, uma das primeiras séries originais da Netflix e a grande aposta da empresa na nova empreitada⁵⁴ de conteúdos feitos exclusivamente para a plataforma, foi House of Cards.

Um dos fatores apontados para a categorização feita é o orçamento para produção (no caso de House of Cards, cerca de 3 milhões de dólares por episódio) e distribuição, que é realizada, salvo exceções, globalmente (ROSSINI; RENNER, 2015, p. 7).

3.2.1 Um panorama sobre a série House of Cards

Criada por Beau Willimon e produzida por Kevin Spacey⁵⁵, a série acontece em Washington, com boa parte das cenas usando a Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, além da casa Branca e outros cenários comumente associados com o poder político americano.

Baseada no romance homônimo⁵⁶ de Michael Dobbs, a série fala de Francis Underwood (Kevin Spacey), deputado americano e *majority whip* (líder da maioria) democrata na Câmara que ativamente participou da campanha que elegeu o presidente Garret Walker (Michael Gill), sob a promessa do mesmo de que, se eleito, convocaria Frank para atuar como Secretário de Estado durante a sua administração. Após a eleição, o agora presidente Garret muda de ideia, mantendo o deputado Underwood como líder da maioria na Câmara, o que incomoda o protagonista e dá início à trama e à obsessão do personagem em busca do poder e do cargo de Presidente da República.

⁵⁴ [...] *House of Cards*(2013) e *Orange Is The New Black* (2013); no caso da primeira, a participação de nomes consagrados do cinema (como o diretor David Fincher e o ator Kevin Spacey) auxiliou na expectativa de uma produção com qualidade estética e narrativa superiores, e teve um papel importante na consolidação da reputação de um conteúdo “original Netflix”. (ROSSINI; RENNER, 2015, p. 7)

⁵⁵ Disponível em: <https://www.imdb.com/name/nm0000228/?ref=nm_sr_1>. Acesso em 30 de abril de 2018;

⁵⁶ Segundo o portal Mix de Séries: “[...] a série da Netflix é baseada em um livro homônimo que, por sua vez, gerou uma minissérie britânica da BBC em 1990”. Disponível em: <<http://mixdeseries.com.br/a-base-do-castelo-a-origem-de-house-of-cards/>>. Acesso em 30 de abril de 2018;

A primeira temporada contou com treze episódios e foi disponibilizada na Netflix no dia primeiro de fevereiro de 2013. No Brasil a série também é disponibilizada pela Paramount Channel⁵⁷.

Em 2018, a série retornará para a sua sexta e última temporada. Após escândalos sexuais⁵⁸ envolvendo o ator Kevin Spacey, a produção dos oito episódios que completam a trama dos Underwood se iniciou em fevereiro deste ano e trará a esposa de Frank, Claire Underwood (Robin Wright), como nova protagonista e, no universo da série, primeira mulher presidente da república dos Estados Unidos da América.

3.2.2 - Sinopses das temporadas

As versões em português⁵⁹ e inglês⁶⁰ do site Wikipédia trazem o conteúdo da série e foram utilizados nas sinopses das cinco temporadas.

A primeira temporada inicia com a preocupação de explanar a personalidade forte e o arquétipo de político em busca ilimitada pelo poder do protagonista, Frank Underwood. Os primeiros minutos da série já mostram a sua capacidade de tomar quaisquer medidas para garantir que o que ele entende como certo seja feito, na cena, Frank mata um cachorro que acabara de ser atropelado, pois este, segundo o entendimento do deputado, não teria mais salvação e sufocá-lo seria o melhor a fazer no momento, por mais que fosse uma medida que ele mesmo chama de desagradável. Com a compreensão das características do personagem a história passa a ser introduzida ao público. O pano de fundo é a eleição do presidente Garret Walker que acaba de ser concretizada. Frank foi ativo apoiador da campanha e recebeu a promessa de ser Secretário de Estado do presidente eleito. Contudo, a chefe de gabinete de Garret logo traz a notícia de que o presidente considerava o deputado muito importante na Câmara, por isso a

⁵⁷ Disponível em: <<http://www.paramountchannel.com.br/2017/02/16/house-of-cards-esta-batendo-na-porta-do-paramount-channel/>>. Acesso em 30 de abril de 2018;

⁵⁸ A vertiginosa queda de Kevin Spacey, de grande estrela de Hollywood a assediador sexual. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-41829900>>. Acesso em 30 de abril de 2018

⁵⁹ Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/House_of_Cards_\(série_americana\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/House_of_Cards_(série_americana))>. Acesso em 01 de maio de 2018;

⁶⁰ Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/House_of_Cards_\(U.S._TV_series\)](https://en.wikipedia.org/wiki/House_of_Cards_(U.S._TV_series))>. Acesso em 01 de maio de 2018;

promessa não seria cumprida. A decisão do presidente mostra-se fundamental para a continuidade da série e é na primeira temporada que toma-se conhecimento do plano de Frank para vingar-se da “traição” de Garret. No decorrer da temporada, Frank parece compreensivo e demonstra trabalhar em prol da administração, conquistando assim importância no governo de Garret. Entretanto age pelas costas do presidente, engendrando o seu plano e utilizando de artimanhas como usar a jornalista Zoe Barnes para vaziar notícias selecionadas da administração (o que acaba derrubando o Secretário de Estado de Garret e empossando uma aliada de Frank, Catherine Durant). Neste meio tempo o espectador é apresentado a Claire Underwood, esposa de Frank e diretora da ONG *Clean Water Initiative*. As decisões pragmáticas e megalomaniacas de Claire em relação à ONG logo mostram que a sua busca pelo reconhecimento e pelo poder são superiores à preocupação com a água limpa ou com a população carente.

A segunda temporada dá continuidade ao plano de Frank, agora vice-presidente da República. Enquanto empecilhos, como a investigação do Washington Herald sobre os seus atos, começam a se acumular e, sem mais ver uso na jornalista Zoe Barnes, que agora já desconfia dos desejos de poder de Frank e recruta seus colegas para uma investigação sobre o deputado, vemos a jornalista ser empurrada por ele no vão do trem: é o segundo assassinato do protagonista em duas temporadas. O primeiro havia sido o deputado Peter Russo que, outrora um aliado na corrida pela vice-presidência, já começava a questionar a metodologia de Underwood (que, sabendo de seu passado, o coloca em contato com uma prostituta, drogas e álcool, sabotando-o e terminando com o seu sonho de governar a Pensilvânia. O vencedor na disputa foi o vice-presidente, o que abriu caminho para Frank ocupar o cargo)⁶¹. Peter mostrou-se um perigoso político com opiniões próprias e difícil de manipular, além disso, a sua morte gerou um espetáculo em torno de Underwood, seu maior apoiador até então. Ambas as mortes são vistas pela polícia como suicídios. É na segunda temporada que Frank, em sua crescente importância no governo Walker, acaba ficando mais próximo do seu objetivo. Enquanto Frank galga cada vez mais postos no governo, Claire dá continuidade à sua busca por visibilidade. Junto à primeira-dama, a esposa de Frank encabeça um importante projeto de lei que buscava maiores investigações e rigidez de penas

⁶¹ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/02/1595217-temporada-de-house-of-cards-estreia-hoje-com-underwood-presidente.shtml>>. Acesso em 01 de maio de 2018;

contra o assédio sexual no meio militar. Claire, nesta empreitada, alega em rede nacional ter sido estuprada por um general do exército americano, o que acarretou em um aborto (os rumores sobre o aborto já se espalhavam pela mídia e um possível escândalo se formava, o que prejudicaria os intuítos dos Underwood). A construção narrativa faz com que as acusações parecessem verdadeiras, mas logo descobrimos que Claire utiliza o episódio com o intuito de mascarar os reais motivos do aborto além de tê-lo utilizado para que o seu projeto junto à primeira-dama recebesse mais atenção. Ao fim da temporada, Frank concretiza o seu plano sem levantar suspeitas, e o presidente Garret Walker renuncia, dando início ao mandato de Underwood como Presidente da República dos EUA.

Na **terceira temporada**, o agora presidente Frank Underwood não goza de popularidade, prestígio ou recebe apoio de seu partido, que já desconfia do golpe orquestrado. Para reverter a situação, Frank idealiza o programa *America Works*, plataforma do governo que buscava quedas nos níveis, já alarmantes, de desemprego causados, em parte, pela instabilidade política que ele mesmo promoveu. Em meio às preocupações da Casa Branca, Frank já começa a pensar nas eleições de 2016. Na terceira temporada, ainda enfrenta complicadas primárias contra a Democrata Heather Dunbar, experiente advogada que goza de mais prestígio junto ao público. Enquanto Frank orchestra esquemas para se perpetuar no poder, Claire passa a ser embaixadora dos Estados Unidos na ONU, o que a coloca em contato com grandes líderes mundiais e a deixa mais exposta aos holofotes. Claire envolve-se na crise no Vale do Jordão, tendo papel decisivo nas negociações com o presidente russo Viktor Petrov, o que começa a incomodar Frank, que passa a ver a esposa menos como aliada e mais como competidora. A resolução da crise se dá com a exigência do presidente russo de que Claire seja afastada da ONU, Frank atende e Claire passa a se concentrar na campanha para 2016. Até o fim da temporada, as decisões de Frank e os desejos de Claire entram em choque, pois ela passa a almejar posições mais ativas no governo, o que não está nos planos de Frank no momento. As tensões acabam com um gancho no final da temporada em que Claire dá a entender que o casamento e a parceria de ambos estão chegando ao fim.

A **quarta temporada** se inicia em pé de guerra entre Frank e Claire. Insatisfeita com a falta de gratidão do marido, Claire não atende aos desejos de Frank e tenta concorrer ao congresso pelo seu distrito em Dallas. Frank percebe

que a decisão é precipitada e o início da temporada gira em torno da resolução do conflito entre os dois (nesta empreitada é que ambos percebem que os esforços de Claire nas temporadas anteriores acabaram dando a ela grande popularidade, maior, inclusive, do que a do marido). Logo descobrimos que Frank mentiu para Claire para reconquistar seu apoio e ela passa a fornecer informações privilegiadas à concorrente de Frank nas primárias, o que causa uma série de derrotas. Novamente em pé de guerra, Frank promete à Claire que comporá chapa com ela nas eleições. Alguns escândalos se apresentam nesta temporada, como uma tentativa de assassinato contra Frank (cometida pelo ex-namorado de Zoe Barnes) e terroristas de um grupo islâmico presos por ordem do presidente. Já vencedor das prévias, Frank usa o caso ICO (grupo terrorista islâmico da série) para tomar vantagem na corrida contra seu adversário republicano, Will Conway (Joel Kinnaman) que goza de muito mais prestígio no momento. A temporada termina durante a corrida eleitoral, com o presidente capitalizando ao máximo a luta contra o terrorismo. A cena final desta temporada é marcante, pois, pela primeira vez na série, Claire quebra a quarta parede⁶², olhando diretamente para o espectador, algo que, até então, apenas Frank havia feito.

A **quinta temporada** se inicia com a iminente derrota de Frank/Claire nas urnas. Mesmo após o gás que Claire deu à chapa, os esforços mostraram-se insuficientes e os Republicanos já comemoram a vitória. Sem perspectiva de deixar o poder, contudo, Frank ainda utiliza o ICO para dar mais uma cartada. O presidente convence o governador de Ohio a fechar as urnas mais cedo, sob ameaça de terrorismo e alegando que a segurança do povo deveria estar em primeiro lugar. Com a influência de Tennessee e Ohio, que não computam votos para a eleição, o que faz com que nenhum candidato atinja o mínimo de delegados para ser eleito, levando a decisão para o congresso, enquanto Claire disputa os votos para a vice-presidência (no Senado). Frank consegue um empate no congresso, enquanto Claire vence com certa facilidade no Senado e passa a atuar como presidente. Como tal, Claire convoca eleições em Ohio e Tennessee, enquanto Frank se concentra em conquistar votos e apoio de influentes participantes de uma sociedade secreta. Frank é eleito em ambos os estados e volta à cadeira de presidente. Mas

⁶²A expressão também é usada em outros mídia, como cinema, videogames, quadrinhos, televisão e literatura, geralmente para se referir à divisória entre a ficção e a audiência. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Quarta_parede>. Acesso no dia 10 de junho de 2018;

não por muito tempo. Tom Hammerschmidt (ex-chefe de Zoe Barnes no Washington Herald) dá continuidade às investigações que eles haviam iniciado ainda na segunda temporada, o que acaba revelando alguns dos escândalos em que Frank se envolveu. Desta vez, sem saída, Frank propõe a Claire que esta passe a ocupar o salão oval enquanto Frank se exila (mas continua a opinar nas decisões da parceira como conselheiro especial da presidência). Ele levanta apenas uma condição: a de que Claire declare que os crimes de Frank como presidente recebessem perdão. Ao final, descobre-se que Claire não concederá o perdão a Frank. A temporada termina com a nova protagonista quebrando novamente a quarta parede e exclamando: “My turn” (minha vez).

3.2.3 - Apresentando os personagens

A série tem, em seu início, o protagonismo voltado a Francis Underwood, mas, no decorrer da trama a sua esposa, Claire Underwood, adquire importância, terminando a terceira temporada ao lado de Frank. No intervalo entre a quinta temporada e uma sexta temporada que ainda está por vir, tudo leva a crer que Claire estará sozinha pela primeira vez na série. Quanto à personalidade, ambos se mostram políticos extremamente inteligentes, calculistas e pragmáticos, que fazem o que for necessário para acumular mais poder, utilizando catástrofes e tragédias em prol de si próprios e rejeitando quaisquer demonstrações de humanidade, o que, segundo os próprios, pode enfraquecer sua imagem perante outros políticos. Claire tende a demonstrar mais humanidade, como, por exemplo, em um velório no qual não se contém e chora pela vítima. Entretanto, logo após percebe-se que a personagem considera o choro como sinal de fraqueza e pretende suprimir tais sentimentos. Ao final da quarta temporada, ao assistir uma execução a sangue frio, Claire demonstra aparente sucesso na supressão dos seus sentimentos, abrindo mais as portas ao pragmatismo e à frieza e se assemelhando mais ainda à Frank.

Além de Kevin Spacey e Robin Wright, alguns dos personagens da séries são: Doug Stamper (Michael Kelly), chefe de gabinete (*Chief of staff*) do deputado/presidente Frank Underwood e homem de confiança do protagonista, fiel a ponto de assumir um assassinato cometido por Frank.

Seth Greyson (Derek Cecil), diretor de comunicações do presidente Underwood.

Catherine Durant (Jayne Atkinson), Secretária de estado dos presidentes Garret Walker e Frank Underwood e devota apoiadora de Frank, conquistou seu cargo de secretária de estado por intervenção de Underwood, mas foi preterida do cargo de vice-presidente que lhe havia sido prometido, “Cathy” termina a quinta temporada hospitalizada após ser empurrada da escada por Frank por “saber demais”.

Zoe Barnes (Kate Mara), jornalista que se envolve romanticamente com Frank para obter furos de reportagem, Zoe passa a investigar Frank e acaba morta por ele.

Tom Hammerschmidt (Boris McGiver), diretor de redação do Washington Herald e ex-chefe de Zoe Barnes é o jornalista responsável por revelar os escândalos da gestão de Underwood.

Freddy Hayes (Reg E. Cathey), dono do restaurante em que Frank costuma comer e, posteriormente, jardineiro da casa branca, o personagem é constantemente utilizado para mostrar os delírios de grandeza de Frank.

Thomas Yates (Paul Sparks), famoso escritor e, posteriormente, biógrafo da “primeira família” dos Estados Unidos, acaba envolvendo-se em um relacionamento amoroso com Claire Underwood e também acaba morto (envenenado) no final da quinta temporada. Claire demonstra sentimentos por Yates, mas acaba matando-o, também por saber demais.

Heather Dunbar (Elizabeth Marvel), a adversária de Frank nas prévias do partido Democrata e ex-advogada geral da União responsável, inclusive, por inocentar Frank de suas primeiras suspeitas, ainda como presidente não-eleito.

Viktor Petrov (Lars Mikkelsen), o controverso presidente russo que solicita a saída imediata de Claire de seu posto como embaixadora da ONU e que, por meio de negociações e diplomacia, de uma forma ou outra, acaba interferindo sempre que possível na política e até nas eleições americanas.

Jackie Sharp (Molly Parker), deputada Democrata, nomeada líder da maioria na câmara após Frank assumir a vice-presidência e pré-candidata à presidência, Jackie recebe a promessa de ser candidata à vice junto a Frank, mas para tal deveria se lançar pré-candidata e auxiliar Frank nos debates para depois se afastar. Jackie acaba desistindo da vice-presidência após perceber a índole de Frank.

Kate Baldwin (Kim Dickens), é a correspondente do Wall’s Street Telegraph na Casa Branca, jornalista que venceu o Pulitzer e o prêmio Peabody, destaque na

sua profissão, e que persegue os Underwood, mas, eventualmente é usada para os vazamentos de Frank e Claire.

Por fim, Will Conway (Joel Kinnaman), Governador de Nova Iorque e candidato Republicano à presidência, Will, caso Frank não tivesse interferido nas eleições, teria sido o presidente americano, já que gozava de mais prestígio do que o adversário.

4 ONENATION, UNDER... WOOD: ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE IMAGEM DE CLAIRE E FRANK UNDERWOOD PARA A CONQUISTA DO PODER

Como o este estudo busca analisar a imagem projetada pelos candidatos na campanha eleitoral, para que se compreenda de que forma aspectos visuais contribuem para a imagem percebida de um candidato. Foram selecionados episódios em que tal período acontece, ou seja, levando-se em conta o universo da série, na campanha presidencial para 2016. Por isso foram considerados os episódios que apresentam o início da campanha para as prévias do partido Democrata, o que ocorre na metade final da terceira temporada, até o dia da eleição, que acontece no terceiro episódio da quinta temporada. Entre os 20 episódios vistoriados, foram selecionados quatro. Para a seleção, considerando os momentos-chave, com maior importância narrativa para a percepção da imagem dos candidatos a presidente (Frank Underwood) e vice (Claire Underwood) do partido democrata. O principal critério de seleção das cenas foi trazer aparições dos candidatos para o público, sendo estas mediadas ou ao vivo (como em comícios ou eventos), para que se levasse em conta indicadores como suas roupas, entonação, vocabulário, linguagem corporal e decisões políticas. Também foram selecionadas cenas de bastidores em que se decidem estratégias de campanha ou até mesmo algumas decisões do presidente que refletirão em sua imagem: com esta segunda categoria de cenas selecionadas, o objetivo é tensionar os indicadores visuais, comparando-os com a estratégia de campanha e compreendendo se o emprego desses foi de encontro com as decisões tomadas em bastidores.

Para melhor entendimento do enredo, cada análise será acompanhada por uma breve sinopse do mesmo, que conterá, também, uma contextualização em relação ao todo da série. Como diversas cenas foram escolhidas em cada episódio, essas não serão transcritas, apenas contextualizadas. A análise será feita à luz de dois pontos principais: a imagem dos candidatos levando-se em conta os

indicadores visuais, com base nas capturas de tela, e a imagem dos candidatos levando-se em conta as estratégias e as decisões políticas, com base na descrição das cenas. Ao final, será apresentado o tensionamento entre a estratégia de campanha e o efeito dos indicadores visuais sobre ela.

4.1 Temporada 3, episódio 11: “Capítulo 37”

Ficha técnica:

Data de disponibilização: 27 de fevereiro de 2015

Dirigido por: Agnieszka Holland

Escrito por: Melissa James Gibson

Duração: 52 minutos

- Trechos selecionados

a) Trecho 1 (00:05 - 01:43)

O episódio trata dos primeiros momentos da campanha de Frank Underwood à candidatura para presidente dos Estados Unidos. São os primeiros embates com a ex-advogada geral da união, Heather Dunbar, sua adversária nas prévias. A mensagem da campanha é baseada em um programa de pouco sucesso iniciado pelo presidente Underwood ao assumir a Casa Branca, o *America Works*, que teve como objetivo baixar as taxas de desemprego em Washington e que deu algum resultado, porém não o suficiente. O slogan principal, neste momento da campanha, é: “Um voto para Underwood é um voto para o *America Works*”. Há pouco, Claire Underwood, após uma negociação do marido com o presidente da Rússia, foi obrigada a renunciar ao seu posto na ONU, e passou a se concentrar na campanha para que o marido continuasse presidente. O episódio se inicia com a primeira-dama, Claire, que por enquanto não é candidata, em um chá com lideranças femininas, com o intuito de promover a candidatura de Frank.

Figura 1: Claire promove um chá em favor da candidatura de Frank com lideranças comunitárias de New Hampshire

Figura 2: Claire assiste o debate em meio ao povo em New Hampshire

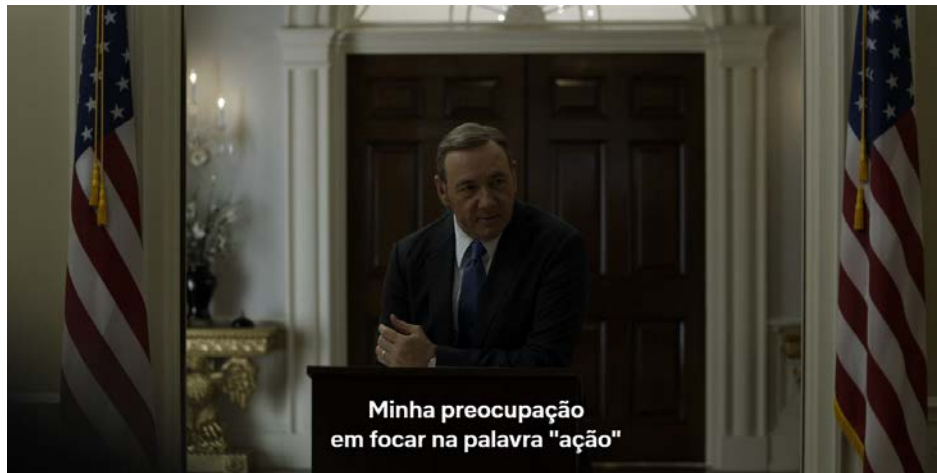


Capturas de tela do episódio 3x11, realizadas no dia 19 de maio de 2018 e no dia 08 de julho de 2018.

Neste episódio começa-se a entender que a primeira-dama tem melhor imagem junto ao eleitorado, após uma de suas convidadas afirmar: “Preciso dizer, Sra. Underwood, que eu a acho muito charmosa, e parece ser muito honesta. Mas acho difícil acreditar que o seu marido se importa com o povo”. Claire rebate, mas percebe-se a sensação de “pertencimento” de Claire junto às outras mulheres: sua postura é pouco incisiva, indicando que ela faz parte do grupo, e não está na posição de poder. Sua fala é pausada, compreensiva e simples. Além de sorridente, suas roupas básicas e gestos tranquilos e elegantes (como em praticamente todas as aparições públicas de Claire). O seja, ela compreende que pertence ao público, que o compreende e que faz parte dele.

b) Trecho 2 (01:44 - 03:00)

Figura 3: Frank simula e ensaia, com a sua equipe, o debate que acontecerá mais tarde



Captura de tela do episódio 3x11, realizada no dia 19 de maio de 2018.

Enquanto Claire está no chá, o presidente Underwood faz uma simulação do debate que acontecerá em breve. Ele enfrentará pela primeira vez a adversária Heather Dunbar, mas contará com Jackie Sharp, outra pré-candidata à presidência cuja candidatura é de fachada para auxiliar Frank (ela foi convidada para compor a chapa com ele após as prévias). Na cena, o presidente mostra-se preocupado com a dureza da palavra “ação”, que parece definitiva e que gerará comentários da adversária sobre as ações dele, como presidente, que falharam. Frank é desencorajado a abandonar o termo pelo seu assessor de imprensa, Seth Greyson, que afirma que “ação” teve uma boa performance nas pesquisas. Com a resistência do presidente, Seth sugere, então, a palavra “visão”, que, segundo ele próprio, “As pessoas podem projetar o que quiserem na palavra ‘visão’”.

c) Trecho 3 (17:30 - 34:38)

Figura 4: Frank se prepara para dar o seu discurso de abertura no debate da rede de televisão americana CNN



Captura de tela do episódio 3x11, realizada no dia 19 de maio de 2018.

No debate, enquanto Claire assiste ao evento em meio ao povo, em New Hampshire, transmitindo os agradecimentos do presidente, Frank se engaja em uma batalha com Heather Dunbar. Ele toma o cuidado de fazê-lo por meio de sua futura colega de chapa, Jackie Sharp, que ataca Heather e elogia, moderadamente, Frank. O presidente, por outro lado, concentra-se em ser “presidenciável”, sem atacar muito, ele busca mostrar suas propostas.

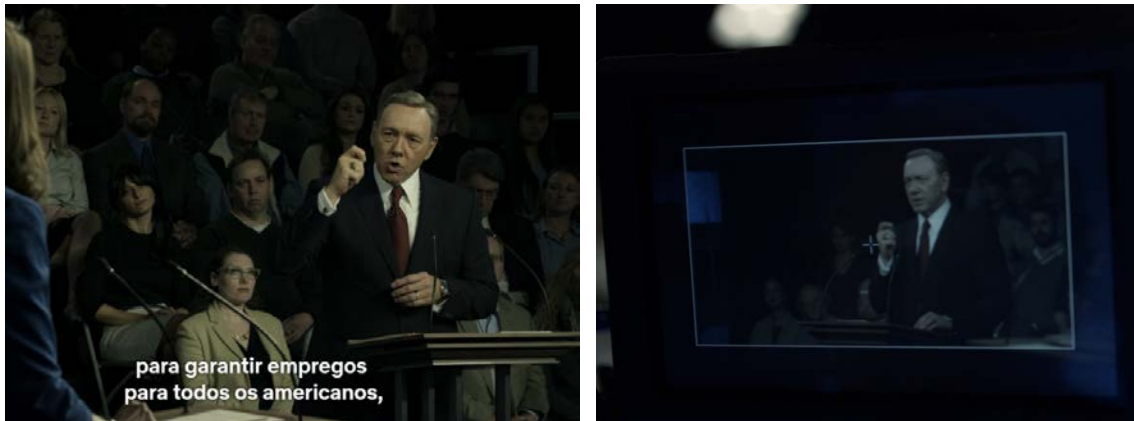
No início do debate, pode-se notar que Frank parece tranquilo e imponente. Prestando atenção em sua gravata vermelha, um símbolo clássico do partido republicano, compreende-se que esta reforça a imagem de “Democrata conservador” de um candidato vindo do Sul dos EUA.

No discurso de abertura, Frank não perde tempo, e inicia trazendo a palavra sugerida no ensaio, dizendo: “Esta nomeação resume-se a uma palavra: visão. Acredito que demonstrei uma visão clara para esse país com o *America Works*, o programa de empregos mais abrangente em quase um século”. Frank também enfatiza a experiência (fora decidido previamente que seriam duas linhas principais de ataque contra Dunbar: a sua falta de experiência e o enfoque na oposição entre o *selfmade man* que é Frank e uma mulher que recebeu uma generosa herança de

seu pai). Ele gesticula cerrando o punho de uma forma muito específica (como pode-se perceber na figura 4):

Figura 5: Frank vocifera contra a sua adversária, Heather Dunbar

Figura 6: Frank faz seu discurso de abertura no debate



Capturas de tela do episódio 3x11, realizadas no dia 19 de maio de 2018 e no dia 08 de julho de 2018.

Além disso, o olhar de superioridade marca a postura do presidente no debate; Frank passa uma imagem muito segura durante todo o evento, entretanto, excessivamente impositiva, que parece pouco humilde. O gesto com a mão direita se repete sucessivamente durante a campanha e acaba denotando o caráter impositivo do presidente (o que, ao analisar-se as cenas de negociação, bastidores e tratamento de Frank com a esposa, com conhecidos, amigos, rivais e membros de sua equipe, percebe-se ser uma imagem verdadeira que transparece a contragosto da equipe).

O início da campanha de Frank parece bem planejado e os pequenos deslizes no debate passam relativamente despercebidos, já que o entendimento geral é de que Underwood “venceu” o debate (muito pela postura presidencial adotada por ele, pelo despreparo de Dunbar e pelos ataques de Jackie Sharp em Dunbar, que surtem efeito positivo para Frank). Estes pequenos erros, entretanto, somados com questões que aparecerão posteriormente, serão importantes para a formação da imagem negativa da candidatura de Underwood.

d) Trecho 4 (36:15 - 36:33)

Figura 7: Claire doa sangue em um hospital de New Hampshire cercada de fotógrafos



Captura de tela do episódio 3x11, realizada no dia 19 de maio de 2018.

Finalizado o debate, Claire participa do seu último compromisso em New Hampshire, uma doação de sangue que conta com a presença de fotógrafos. Mesmo doando sangue, Claire mantém a elegância de sempre. Percebe-se, no segundo plano da captura de tela, que a primeira-dama não faz questão de um local isolado para a coleta do sangue, ou de tratamento diferenciado, como seria esperado de uma primeira-dama. Novamente, Claire aproveita a oportunidade para se mostrar parte do povo.

Ao fim do episódio, enquanto Frank está em campanha, sendo atacado por sua adversária, Claire engaja-se apenas na parte tranquila e positiva da campanha, estando ao lado do povo, sendo fotografada, dando discursos e doando sangue, o que contribui com a imagem de Claire.Frank, por outro lado, já sofre ataques constantes, o que vai dilapidando a sua imagem política.

4.2 Temporada 4, episódio 8: “Capítulo 47”

Ficha técnica:

Data de disponibilização: 4 de março de 2016

Dirigido por: Alex Graves

Escrito por: John Mankiewicz

Duração: 46 minutos

- Trechos selecionados

a) Trecho 1 (06:04 - 06:51)

Ainda nas prévias, Frank sofre um atentado a tiros e fica entre a vida e a morte durante boa parte do final da terceira temporada. Já recuperado e após sucessivos deslizes de sua adversária (que admitiu, inclusive, ter encontrado com o atirador que tentou matar Frank), o presidente vence as primárias com certa facilidade, tornando-se o candidato oficial do partido Democrata para 2016. Neste período, além de ter o marido entre a vida e a morte, Claire vê a saúde de sua mãe se deteriorar. As tragédias somam positivamente para Frank e, principalmente, para Claire que, além do ganho pela empatia do eleitorado, também passa a tomar as rédeas da Casa Branca, já que o vice-presidente Donald Blythe se mostra atordoado com as responsabilidades de ser presidente da república.

Neste episódio, o já recuperado Frank conversa com o indicado do partido à vice-presidência, um senador democrata financiado pela NRA (National Rifle Association of America⁶³). Entretanto, após o atentado sofrido pelo presidente, Claire encabeça um importante projeto de lei, tentando limitar o acesso a armas dos cidadãos americanos. Um projeto polêmico, mas que a coloca, novamente, no centro das atenções (Claire já fora responsável por projetos ambientais importantes, além do projeto de lei que buscava julgar militares que cometeram abuso sexual). Já com o objetivo em mente de ter Claire como companheira da chapa, Frank arma uma reunião com portas abertas com o candidato a vice na chapa republicana, enquanto Claire convida Kate Baldwin, uma importante jornalista, para uma entrevista sobre o seu “*Gun Bill*”.

⁶³ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Associa%C3%A7%C3%A3o_Nacional_de_Rifles>. Acesso no dia 10 de junho de 2018.

Figura 8: A jornalista Kate Baldwin percebe a reunião entre Frank e o senador pró-NRA



Captura de tela do episódio 4x08, realizada no dia 20 de maio de 2018.

Entendendo o tamanho do espetáculo que seria gerado, Claire leva Kate até a sala Roosevelt, aparentando não saber que estaria sendo utilizada. Kate observa a reunião e deduz que o Senador Dean Austen comporá a chapa com Frank. A notícia rapidamente se espalha, o que causa uma crise entre a NRA e o senador, forçando-o a retirar-se da corrida presidencial, tal qual fora planejado por Claire e Frank. Em linhas gerais, apesar da não aparição de ambos para o público, a regulamentação das armas tende a ter apoio democrata e, entendendo o caráter progressista da proposta, Claire aproveita o atentado contra Frank para colocar a proposta na Câmara, o que a confere a imagem de progressista e relembra constantemente a batalha que Frank travou para sobreviver, ambos pontos importantes para uma imagem positiva junto ao público.

b) Trecho 2 (10:43 - 11:59)

Claire traz uma mensagem emocionada e autocrítica, mas, ainda assim, dura e propositiva, chegando a anunciar que “não fazer nada é a mesma coisa que puxar o gatilho”. Claire, pouco antes de embargar a voz, diz que ao sentar ao lado do seu marido no hospital foi egoísta, pensava só em si mesma e como seria a sua vida sem Frank.

Figura 9: Claire Underwood grava mensagem em prol da candidatura de Frank e de sua lei de restrição ao porte de armas



Captura de tela do episódio 4x08, realizada no dia 20 de maio de 2018.

A mensagem de Claire é objetiva e bem posicionada. O embargo na voz (que o espectador compreende ser forjado, mas também compreende que o eleitorado não viu desta forma) passa uma sensação de proximidade e empatia com qualquer pessoa ou familiar que possa ter sido baleada por alguém que, nas palavras dela, “não deveria ter uma arma”. A voz tranquila, mas ao mesmo tempo dura de Claire denota a calma e a sensatez da primeira-dama em relação a esta situação. Analisando-se todas as aparições de Claire, percebe-se que esta calma e propositividade são marcas da personagem, o que acaba contribuindo para a imagem paciente e tranquila, mas sem passividade.

c) Trecho 3 (29:58 - 31:07)

Figura 10: Frank discursa para jornalistas e o público do mesmo local em que foi baleado



Captura de tela do episódio 4x08, realizada no dia 20 de maio de 2018.

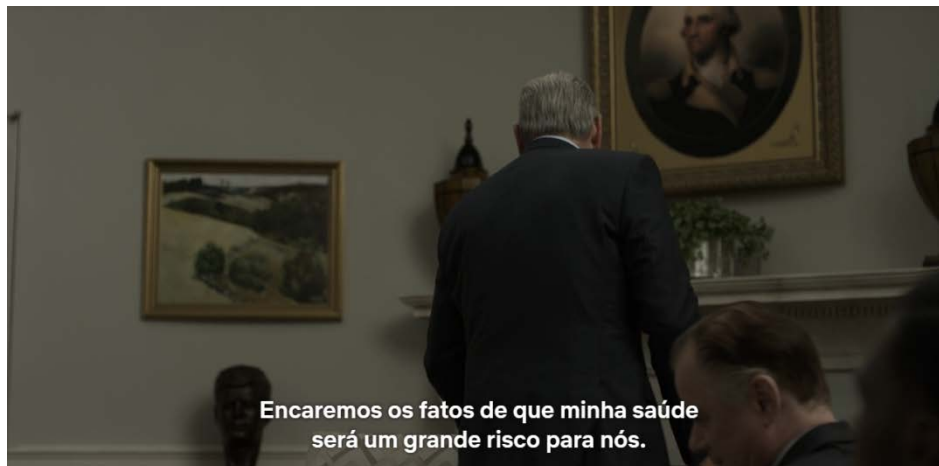
Frank busca espetacularizar ao máximo o tiroteio que o atingiu e causou a morte de seu amigo e agente de segurança, Edward Meechum. Nessa cena, Frank volta ao local do atentado e novamente aproveita a ocasião para apoiar o projeto de lei de sua esposa. Nota-se que Frank (já em uma dissimulada campanha para que sua esposa componha a chapa) enfatiza que a lei é da Primeira-Dama.

A aparição é positiva para Frank. Ele se mostra calmo e pouco impositivo (ao contrário de boa parte de suas aparições), Frank tem uma postura abatida e de certa forma triste, o que humaniza o candidato (é possível entender que se a postura do candidato fosse essa durante a presidência e campanha, sua imagem poderia ser mais positiva).

Apesar do bom resultado geral no espetáculo gerado pelo atentado, pode-se notar que Frank fica “escondido” atrás do púlpito presidencial. A atitude indica a constante necessidade de Frank de se auto-afirmar como o Presidente da República. É comum observarmos durante a série que quando não é possível ter um púlpito, como em deslocamentos a pé, Frank busca sempre portar um objeto que reafirme a sua posição, como a famosa jaqueta presidencial ou o seu broche presidencial. São poucas as cenas de aparição pública em que Underwood não porta nenhum objeto de reafirmação da sua condição de presidente.

d) Trecho 4 (37:10 - 38:09)

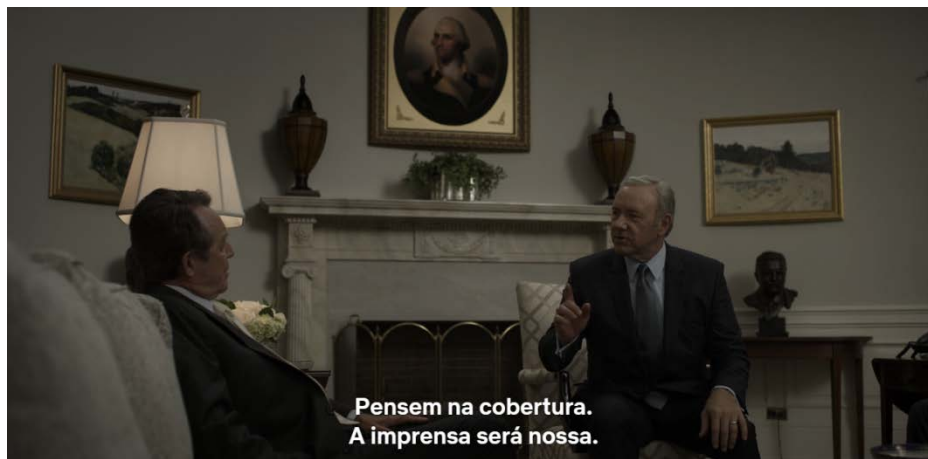
Figura 11: Frank negocia com líderes do partido Democrata no Salão Oval



Captura de tela do episódio 4x08, realizada no dia 20 de maio de 2018.

Durante a temporada, após o atentado Frank demonstra uma saúde um pouco mais frágil, já que passou dias em coma e chegou a receber um transplante de fígado. Frank evoca essa razão para convencer os seus colegas de partido a escolher a candidata a vice-presidente da chapa em uma convenção aberta, algo que não ocorria há mais de um século no partido Democrata. Supostamente, o circo seria armado para que a escolha dos quatro líderes do partido (a Secretária de Estado, Cathy Durant) fosse eleita, mas o interesse de Frank seria negociar para que Claire fosse a escolhida. Independentemente dos motivos, Frank acaba colocando a convenção democrata no centro das atenções, o que era fundamental neste ponto da corrida eleitoral, já que o seu concorrente à Casa Branca (o Republicano Will Conway) já destoava nas pesquisas, estando muitos pontos à frente de Frank. Na figura 12, um dos principais motivos da convenção é a cobertura midiática, o espetáculo, e, conseqüentemente, a oportunidade de Frank e Claire terem os holofotes para si por um grande período. Frank, inclusive, afirma: “a política deixou de ser só teatro, é puro entretenimento. Então vamos montar o melhor show da cidade”.

Figura 12: Frank continua a negociação com outros líderes do partido Democrata no Salão Oval



Captura de tela do episódio 4x08, realizada no dia 20 de maio de 2018.

Mesmo sendo esta uma reunião a portas fechadas, podemos observar na figura 12 o gestual característico de Frank, que aponta para o seu interlocutor e parece sempre estar impondo a sua verdade. A portas fechadas isso não representaria um problema, entretanto, Frank costuma repetir o gesto ao falar com o eleitorado, o que reafirma a sua imagem de impositivo e arrogante.

Os outros líderes do partido ainda estão receosos com a ideia de uma convenção aberta, mas ao final do episódio, um general integrante da mais alta cúpula do governo americano, renuncia ao seu posto e logo chega a notícia de que ele será capa da revista *Vanity Fair*. O general seria anunciado como candidato a vice-presidente pelo partido Republicano e Frank utiliza a notícia para pressionar os colegas de partido. O objetivo da convenção aberta, agora, seria também tirar os holofotes do anúncio do general como *Running Mate* de Will Conway. Em meio à convenção, que será aprovada pelos líderes do partido, descobre-se que a tática foi eficiente e, apesar do sucesso da capa da *Vanity Fair*, a notícia do partido Republicano logo perde espaço para o grande circo armado pelos Democratas. Este gancho é fundamental para se perceber como a política sobrevive do espetáculo e que sem a convenção a eleição que foi apertada seria decidida em favor dos republicanos.

Este episódio, na metade final da quarta temporada, escancara um Frank Underwood cansado, grisalho e doente. Apesar dos esforços, a campanha anti-armamentista parece surtir efeito positivo apenas com Claire Underwood. Frank, após diversas decisões contestadas, ser atacado nas prévias e protagonizar

aparições que “confirmam” uma imagem arrogante, sem empatia, impopular e impositiva. Vê as suas esperanças de reeleição diminuir aos poucos, o que força Frank Underwood a lançar mão de artimanhas para a melhora de sua imagem.

4.3 Temporada 4, episódio 9: “Capítulo 48”

Ficha técnica:

Data de disponibilização: 4 de março de 2016

Dirigido por: Robin Wright

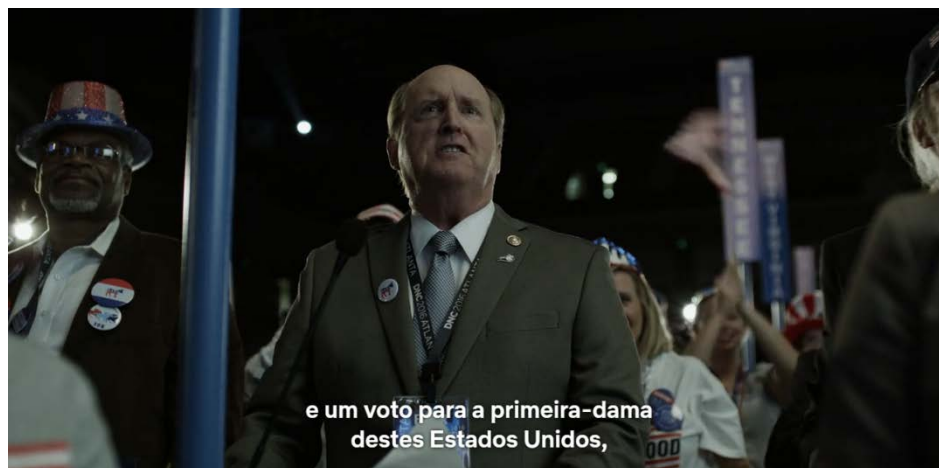
Escrito por: Frank Pugliese

Duração: 46 minutos

- Trechos selecionados

a) Trecho 1 (01:42 - 08:41)

Figura 13: O representante de Kentucky na convenção anuncia os votos o estado



Captura de tela do episódio 4x09, realizada no dia 20 de maio de 2018.

O episódio nove começa mostrando a convenção para a escolha do candidato à vice-presidência. O evento é uma grande festa, como enfatizado por Frank no episódio anterior, um grande espetáculo, um circo, onde cartazes de apoio a Underwood se multiplicam e são televisionados em horas e mais horas de debates jornalísticos. Em meio ao espetáculo, o senador de Kentucky responsável por ler os votos de seu condado surpreende a todos, anunciando um voto para Claire

Underwood (voto que é comemorado pelo público presente). A princípio este um voto parece irrelevante frente aos 13 cedidos para a candidata “apoiada” pelo presidente, Cathy Durant. Entretanto, a cobertura midiática deste voto alinha-se com os objetivos de Frank e Claire.

Figura 14: Claire comenta, em entrevista, sobre o voto recebido na convenção.



Captura de tela do episódio 4x09, realizada no dia 20 de maio de 2018.

É em meio ao frenesi do inesperado e solitário voto a favor de Claire que descobrimos que o seu projeto foi aprovado na Câmara. O espetáculo é formado em torno da convenção, então todas as perguntas são focadas neste assunto. Claire desconversa e incentiva o voto em Cathy Durant, enquanto aproveita para utilizar o seu projeto anti-armamentista pela última vez, pois este vinha perdendo fôlego frente à convenção. É a última oportunidade de Claire para enfatizar o seu poder de negociação e a sua tendência a uma pauta mais à esquerda.

Na figura 14 vê-se Claire sendo abordada para entrevista na porta da convenção. A rua está cercada de populares e Claire mostra-se sorridente e confiante como de costume. É importante notar que Claire não utiliza jóias. Exibe apenas um brinco discreto e a sua aliança. Ela também não costuma trajar roupas que aparentam ser muito glamurosas (a exceção são eventos de gala). Sua vestimenta é simples, mas elegante, o que pode conferir ao mesmo tempo a admiração e sensação de pertencimento do público em relação a ela.

Enquanto Claire se concentra na convenção e no seu projeto, Frank continua explorando o atentado sofrido ao se reunir com a mãe do doador.

Figura 15: Frank cumprimenta a mãe do seu doador de órgãos



Captura de tela do episódio 4x09, realizada no dia 20 de maio de 2018.

Frank insiste na tentativa de mostrar-se humano utilizando do atentado. No início, a sua imagem teve um ganho com isso, mas a saturação da mensagem já parece começar a passar uma outra impressão. Os comentários na televisão já não são mais sobre a força e a perseverança do presidente, mas sim sobre a importância do vice de um presidente doente e que poderia morrer a qualquer momento. Os cabelos brancos e a constante expressão cabisbaixa de Frank ajudam a compor a imagem negativa de um presidente que não é mais só arrogante e impopular, mas que também está doente e fraco.

Simultaneamente aos erros estratégicos de Frank e ao surpreendente voto a Claire na convenção, o vice-presidente Donald Blythe afirma à imprensa que Claire foi a verdadeira negociadora de uma importante questão na Rússia, enquanto Frank estava no hospital, o que melhora ainda mais a imagem de Claire que antes transparecia inexperiência, mas agora ganhou contornos de poder de negociação com um dos líderes mundiais mais duros. Cathy, Secretária de Estado e principal cotada a vice na chapa de Frank, sai prejudicada pela notícia. O esquema de Frank e Claire para a composição da chapa ganha força.

b) Trecho 2 (22:25 - 26:20)

Figura 16: O General Brockhart e o Governador Conway dão entrevista em Atlanta



Captura de tela do episódio 4x09, realizada no dia 20 de maio de 2018.

Preocupados com o sucesso da convenção em Atlanta, os candidatos a Presidente e vice pelo partido Republicano vão até a cidade e dão entrevista falando sobre uma ameaça terrorista, o ICO. Na sequência da temporada, o ICO se transformará em uma ameaça ainda mais presente, tanto por ações do grupo extremista quanto pela espetacularização por parte da imprensa e da Casa Branca. Contudo, em meio a esse processo, Frank será acusado de não abordar o assunto da forma correta, prejudicando os Estados Unidos e abrindo espaço para o terrorismo. Claire, novamente, passa despercebida por mais esse crise, sendo que a única imagem a ser ferida pelos ataques e sequestros do grupo islâmico é a de Frank Underwood. Nesta mesma entrevista, o Governador Conway exige que Frank peça desculpas ao general, que o acusou de utilizar o ICO de forma política. Frank é encorajado a pedir desculpas, e acaba demonstrando fraqueza perante os adversários.

Percebendo que sua imagem não sairá intacta do episódio, Frank tenta prejudicar Conway também, convidando-o a uma conversa a portas fechadas sobre o ICO sabendo que, agora, todas as decisões terão a voz de ambos e não mais apenas a de Underwood. Em relação ao candidato republicano, a ideia se mostra acertada, entretanto, comparando com a imagem de Claire, Frank, novamente, sai perdendo.

Figura 17: O Presidente se desculpa com Brockhart pelo telefone



Captura de tela do episódio 4x09, realizada no dia 20 de maio de 2018.

O pedido de desculpas de Frank soa falso e com meras intenções eleitorais. Importante notar-se na figura 17 que Frank, novamente, aparece publicamente utilizando uma gravata vermelha, símbolo do partido Republicano. Tal deslize não é cometido por seus adversários e nem por Claire, que quase sempre utiliza roupas neutras e, algumas vezes, azuis.

4.4 Temporada 4, episódio 10: “Capítulo 49”

Ficha técnica:

Data de disponibilização: 4 de março de 2016

Dirigido por: Robin Wright

Escrito por: Melissa James Gibson e Kenneth Lin

Duração: 57 minutos

- Trechos selecionados

a) Trecho 1 (47:40 - 54:25)

Figura 18: Cathy Durant discursa reconhecendo a derrota para Claire, enquanto a plateia comemora



Captura de tela do episódio 4x10, realizada no dia 20 de maio de 2018.

Termina a convenção para a escolha do vice-presidente que irá compor a chapa com Frank. Pressionada pelos Underwood, Cathy Durant reconhece a derrota e discursa, chamando a “extraordinária primeira-dama” ao palco. O discurso de Claire é um dos momentos mais importantes da série e pondo definitivo para a imagem da ex primeira-dama, e agora candidata a vice-presidente dos EUA, ultrapassa a de Frank, que fora o “homem-forte” da relação até então. A imagem de ambos reflete o enredo e o casamento dos dois. O protagonismo de Frank deu lugar à parceria de ambos e, nesta cena, aparece o protagonismo de Claire, tanto que ela domina o quadro por mais de 10 minutos. A imagem de ambos, como atores políticos, acompanha este movimento. Enquanto Frank se vê em queda vertiginosa na relação com Claire, também se vê da mesma forma em relação ao eleitorado, que, neste momento da trama, só não o despreza por sua associação à imagem de Claire, esta sim, amada por todos e que só não desfruta de maior prestígio por estar associada a Frank.

Figura 19: Claire cumprimenta Cathy antes de discursar



Captura de tela do episódio 4x10, realizada no dia 20 de maio de 2018.

Claire sobe ao palco vestindo preto, com a elegância de sempre e um sorriso escancarado, demonstrando alegria e surpresa por ocupar este espaço. O abraço em Cathy agrega à imagem de ambas: demonstra que elas, apesar do embate, compreendem o jogo político e respeitam seus adversários. O espectador, sabe que o caloroso abraço e os elogios não passam de encenação, mas, o que pode-se afirmar é que no quesito encenação, Claire deixa sua personalidade fria transparecer menos do que Frank.

A mãe de Claire acabara de falecer, o que a candidata trouxe imediatamente à tona, apelando para o ganho de imagem que o luto dá a um candidato, mesmo que o espectador entenda a relação de ódio mútuo que as duas viviam. Claire não esconde totalmente essa relação, o que agrega mais veracidade ao emocionado discurso. Ela busca enfatizar a força de sua mãe, e utiliza esse gancho para enfatizar a sua própria força. A estratégia de Claire, em contar algumas partes do turbulento relacionamento com a mãe é, novamente, a humanização: um político geralmente não demonstra ser um “humano” comum, exhibe apenas momentos bons e histórias espetaculares, distanciando-se da realidade de um povo que sofre com dramas de todos os níveis. Claire, que sempre agiu de forma a aproximar-se do público, dá a cartada final mostrando que não é perfeita, mas sim humana, comum, uma política que entende os dramas de cada um e buscará mudá-los.

Figura 20: Claire discursa após ser nomeada candidata à vice-presidência



Captura de tela do episódio 4x10, realizada no dia 20 de maio de 2018.

Claire coloca-se atrás do púlpito, dando a entender que ela está tomando o lugar de Frank.

Analisando a postura de Claire percebe-se características dela que se repetem durante a série. Claire busca olhar na direção da plateia, sem o ar de superioridade que acompanha Frank. A sua expressão facial é sempre compreensiva e leve, geralmente com um sorriso no rosto. Seu gestual é quase sempre contido, com as mãos geralmente na linha da cintura e sem enfatizar tanto os gestos quanto a fala, recursos utilizados por Frank. Compreende-se aqui que Claire não precisa lançar mão de recursos visuais espalhafatosos para que sua força seja transmitida, é justamente na tranquilidade de sua fala que a segurança é passada. Frank, por outro lado, aponta e gesticula com as mãos de forma incisiva, além de quase sempre olhar as pessoas de cima para baixo, como se sempre estivesse mais alto que todos, denotando a sua crença de que é superior ao eleitorado.

A fala de ambos também chama a atenção. Enquanto Claire mantém um tom alto, audível, articulado, porém sempre calmo e constante. Ênfases acontecem, mas Claire raramente aumenta o tom de voz, invés disso, utiliza o recurso dos intervalos entre uma frase e outra, com um pequeno aumento de voz (quase imperceptível) e um gestual levemente mais enfático. Frank, por outro lado, frequentemente enfatiza suas frases por meio do aumento do tom de voz, além dos já abordados movimentos com as mãos. Frank também tende a se escorar no púlpito ou mesmo

apenas projetar o corpo para frente, principalmente quando confrontado, mostrando desprezo pelas colocações do outro.

Figura 21: Claire e Frank comemoram a nomeação da chapa



Captura de tela do episódio 4x10, realizada no dia 20 de maio de 2018.

Após o discurso de Claire, Frank levanta a sua mão, como quem compreende que não segura mais o bastão. O presidente recebe aplausos acalorados, porém percebe-se que a causa destes é Claire. É a concretização do sábio trabalho de administração de imagem pública de Claire contra a arrogância e o desejo de poder de Frank que transparece em cada uma de suas aparições públicas.

4.5 Sempre em campanha: as diferenças na imagem percebida de Claire e Frank Underwood

Ao final desta análise, é possível perceber com mais clareza por que dois candidatos de uma mesma chapa presidencial têm imagens tão divergentes entre o seu eleitorado. Com base nas reuniões internas com as equipes, compreende-se que os dois almejam uma imagem de humildade e proximidade com o eleitorado. Claire se concentra apenas nesta imagem almejada, enquanto Frank busca enfatizar a sua experiência e seu sucesso como político, calcado no fato de ser um *self made man*, que apesar da infância pobre se tornou presidente da república.

Ao observar as decisões internas do partido, nota-se que Frank é um estrategista nato e, geralmente, toma as decisões corretas neste momento. Entretanto, ao colocar-se em frente ao público, Frank não é capaz de disfarçar a sua

personalidade incisiva e segura de si. O seu gestual talvez seja o maior indicador desta personalidade. Tanto em reuniões internas quanto nas aparições públicas, Frank demonstra um vício gestual característico: ele aponta para adversários, jornalistas e eleitorado de uma forma específica, com o punho cerrado e olhando o interlocutor sempre de cima a baixo. Esta característica pode representar uma das razões pelas quais Frank é tão bem sucedido em negociações internas. Contudo, ao não conseguir esconder este traço de sua personalidade frente ao eleitorado, Frank passa uma imagem arrogante. Na análise das reuniões de equipe, entende-se que essa atitude não é intencional, dado que Frank costumeiramente menciona que o público deve assimilar o seu discurso e considerá-lo confiável e próximo ao povo.

Outro indicador que permeia boa parte das aparições públicas de Frank é a sua necessidade de autoafirmar-se como Presidente da República. Frank costumeiramente lança mão de algum indicador de seu cargo, o mais comum é o apoio de ícones que representam o seu cargo. Comumente, Frank fala atrás de um púlpito presidencial, mesmo em comícios ou aparições externas, e este púlpito geralmente está em cima de um palco, colocando-o acima do eleitorado. Além de separá-lo fisicamente de seus eleitores, o palco reforça a sensação de pedantismo que permeia a figura do presidente. Nas poucas vezes em que não utiliza o púlpito, Frank utiliza outros recursos do posto, como a jaqueta presidencial. A constante necessidade de reafirmar o posto denota imagem de insegurança e/ou prepotência de Frank.

As roupas de Frank estão sempre impecáveis, contudo, o presidente utiliza por mais de uma vez uma gravata vermelha. O símbolo remete ao partido Republicano dos EUA, mas Frank é um Democrata do Sul do País (região tipicamente republicana⁶⁴). O fato de um político Democrata vir do Sul pode gerar, por si só, desconfianças no seu eleitorado e Frank, ao utilizar gravatas vermelhas em mais de uma ocasião, pode dar razão a essas desconfianças.

O vocabulário utilizado por Frank não parece representar um problema para a sua imagem. Como percebe-se durante a trama, a equipe do presidente programa os termos que serão utilizados por ele. Com o planejamento prévio dos seus discursos, Frank não costuma cometer erros neste indicador, utiliza palavras compreensíveis para o público em geral e demonstrar conhecimento sobre os

⁶⁴ Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Partido_Republicano_\(Estados_Unidos\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Partido_Republicano_(Estados_Unidos))>. Acesso no dia 10 de junho de 2018.

assuntos tratados. O tom de voz utilizado por Frank, todavia, pode representar problemas. Em discursos para a sua base, Frank costuma manter tudo sob controle, com um tom de voz tranquilo. É em debates, e ao ser confrontado por jornalistas, opositores ou até mesmo correligionários, que Frank tende a comprometer o seu discurso. Percebe-se que o personagem trata discordâncias com um tom de ironia, geralmente minimizando os problemas levantados por quem falou. O tom irônico de Frank talvez seja o problema mais perceptível de sua atuação como candidato, o que apenas reforça a sua imagem soberba.

Ao longo da série, o espectador percebe o político Frank Underwood. A sua avidez por poder e inteligência estratégica desde cedo podem chamar a atenção dos espectadores. Frank é ciente dessa excelência e a demonstra por meio de sua arrogância, segurança e inflexibilidade nas reuniões e negociações internas dos diversos cargos que ocupa durante a trama. O problema que se nota na análise dos episódios é que Frank nem sempre é capaz de esconder a sua personalidade do público. Os pequenos erros na conduta sozinhos não seriam capazes de comprometer a imagem almejada, mas a soma desses detalhes, além de decisões questionadas quando ocupou a presidência, e os ataques dos adversários, acabam transparecendo a real personalidade de Frank: prepotente, arrogante e capaz de fazer qualquer coisa para ter poder (poder que se orgulha em ostentar sempre que possível).

Claire, por outro lado, mantém escondida a sua personalidade calculista e também ávida por poder. A esposa de Frank passa boa parte da série em cargos ligados a projetos de lei humanitários, o que, por si só, já pode trazer a ela uma imagem positiva. Ao se intensificarem os seus desejos políticos, Claire passa a trabalhar ainda mais cada aparição pública, partindo de uma estratégia semelhante à de Frank no sentido de buscar enfatizar o seu pertencimento ao povo. Claire busca pertencer menos à “massa” do que Frank, pois viveu infância rica no Texas.

A infância rica não é fator determinante na imagem de Claire, como primeira-dama dos Estados Unidos, ela costumeiramente é vista em meio ao povo de fato, sem o “esconderijo” de púlpitos ou roupas que evoquem a sua condição de esposa do presidente. Percebe-se também que Claire não exige tratamento diferenciado, o que credita à sua imagem.

As roupas de Claire geralmente são neutras (brancas ou pretas) sem adereços como joias ou acessórios. Eventualmente, Claire opta pelo azul. Suas

opiniões políticas seguem tendências democratas e ela não comete o deslize de trajar vermelho, fatos que anulam o vínculo com o Sul dos EUA.

A fala de Claire é pausada, tranquila e pouco empolada, compreensível para o eleitorado. Ao contrário de Frank, Claire ao ser confrontada lança mão de um tom de voz compreensivo, o que pode dar a entender a sua preocupação com a diversidade de opiniões. O espectador compreende que Claire é tão segura de suas opiniões quanto o seu marido, porém ela mostra-se muito mais eficaz em esconder esse traço de sua personalidade.

A fala pausada de Claire não significa passividade. Ela é uma excelente oradora, faz discursos com ênfase nas palavras e com entonações corretas. Claire geralmente fala em meio ao povo, mas quando sobe ao púlpito se mostra uma política de fato, aproveitando os discursos para exercitar a sua capacidade oratória.

As aparições públicas de Claire destacam-se pelo tom de voz adotado, posicionamento lado a lado com os eleitores e com apertos de mão. Quando sobe ao palco e fica atrás do púlpito, Claire foca o eleitorado olhando-os diretamente, ao contrário de Frank que sempre os olha de cima abaixo, sempre com a cabeça alta. A soma do tom de voz tranquilo e da postura calma de Claire denotam a humanização e o pertencimento que ela busca junto ao eleitorado.

O gestual de Claire é outro diferencial. Enquanto Frank é incisivo ao cerrar o punho e apontar para o adversário, Claire geralmente mantém as mãos na altura da cintura. Os comícios de Claire, quando ela chega ao palco, são um show à parte: a personagem lança mão de um gestual um pouco mais incisivo, fica bem posicionada em meio às falas, para que seus movimentos sejam espaçados.

Por não ocupar um cargo eletivo até a candidatura, Claire toma decisões políticas mais brandas. A única exceção é o seu projeto anti-armamentos, que tende a desagradar o eleitorado Republicano. Contudo, a diplomacia permeia a atuação política de Claire, ao contrário da força que Frank tende a empregar. Tal diplomacia também transparece para o eleitorado, que a compreende como hábil negociadora, imagem conquistada após a sua atuação como embaixadora da ONU e sua atuação na Casa Branca quando Frank foi baleado. Estas negociações dão conta de atenuar a sua imagem de inexperiente.

A equipe de Claire almeja imagem semelhante à de Frank, entretanto, ela é mais bem sucedida nessa empreitada. Enquanto Frank atua no macro, tomando

decisões estratégicas mas não se atentando aos detalhes, Claire se preocupa com ambos, alinhando estratégias, gestos e tom de voz.

Os indicadores analisados, isoladamente não representariam a imagem negativa de Frank, tampouco a positiva de Claire. Entretanto, os descuidos com detalhes como as roupas, o gestual e a entonação parecem confirmar a arrogância que se projeta sobre a personalidade de Frank, enquanto confirmam o pertencimento, a humildade e a flexibilidade de Claire.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo compreender de que forma aspectos visuais contribuem para a imagem percebida de um candidato. Para tal, a opção por um produto audiovisual se deu para que, além das aparições públicas, as negociações e decisões de bastidores pudessem ser consideradas. Foi possível então pôr à prova as decisões tomadas pelos envolvidos na campanha e avaliar se as aparições públicas corroboraram para a imagem almejada pelos candidatos.

Os trechos selecionados buscam confrontar as estratégias da equipe de campanha e as aparições públicas pela via do espectador da série, ou seja, a do eleitor americano, com suas percepções em relação à projeção da imagem dos candidatos Frank e Claire Underwood, a presidente e vice, respectivamente.

Buscando o melhor entendimento sobre a construção da imagem pública, à luz da teoria, foi possível analisar a campanha à presidência dos Estados Unidos além das propostas e situações que, ao espectador desatento, passariam despercebidas como tentativas de projeção de imagem e construção de capital político.

Como foi possível perceber, a imagem pública depende de diversos indicadores que partem desde as decisões tomadas no cargo em exercício e passam por mínimos detalhes, como roupas, entonação, vocabulário e linguagem corporal. Percebe-se, após este estudo, que não seria possível construir uma imagem com base só em pequenos detalhes, como a cor de uma gravata ou a postura ao dar uma entrevista, mas esses auxiliam na construção da mensagem. Como aponta Ferraz (2008), é importante que, caso a imagem almejada não seja totalmente real, o indivíduo político tenha uma boa capacidade de interpretação e atuação, caso contrário, a personalidade do candidato pode vir à tona. Durante a análise, percebemos que Frank não demonstra essa boa capacidade de atuação, transparecendo a sua personalidade arrogante e ávida por poder.

Após esta análise de um produto audiovisual, seria possível expandir o estudo para um candidato real que buscasse validar uma determinada imagem e assim se comunicar e interagir com o eleitorado.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Politics**. Translated by Benjamin Jowett. Versão para eBook, 1999. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&c_o_obra=4315>. Acesso em 16 de março de 2018.

BALDISSERA, Rudimar. **Comunicação, identificações e imagem-conceito**. Artigo publicado na UNIrevista, v. 1, n. 3, 2006.

_____. **Significação e comunicação na construção da imagem-conceito**. Fronteiras-estudos midiáticos, v. 10, n. 3, p. 193-200, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 16º ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: editora Bertrand Brasil, 2012.

BRACHER, A. ;MACHADO, M. B. C. . **Propaganda política para a redemocratização: a campanha de Jair Soares para o governo do Rio Grande do Sul em 1982**. In: Aline Strelow; Ana Gruszynski; André Iribure Rodrigues; Andréa Brächer; Camila Barths; Cida Golin; Flávia Pithan; Flávio Porcello; Karla M. Müller; Luiz Artur Ferraretto; Maria Berenice Machado; Mariana Müller; Mariângela Machado Toaldo;Stefânia Costa(Org. (Org.)). **Comunicação e redemocratização no Rio Grande do Sul - Uma abordagem histórica..** 1ed.Florianópolis - SC: Insular, 2014, v. 1, p. 195-233.

DUARTE, Elizabeth Bastos; CURVELLO, Vanessa. Ficção televisual: distintas formas de estruturação seriada. In: **Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação-Intercom**. Natal: UFRN, 2008.

FERRAZ, Francisco. **Manual Completo de Campanha Eleitoral**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

GOMES, Wilson. **Transformação da política na era da comunicação de massa**. 3º ed. São Paulo: Paulus, 2011.

IANNI, Octávio. **O Príncipe Eletrônico**. Perspectivas, São Paulo, v. 22, p 11-29, 1999.

JEFFERSON, Thomas. **Escritos Políticos**. In: WEFFORT, Francisco C. (Org.). **Os Pensadores. Jefferson, Federalistas, Paine, Tocqueville**. 3º ed. Traduções de Leônidas Gontijo de Carvalho, A. Della Nina, J. A. G. Albuquerque e Francisco C. Weffort. São Paulo: Abril Cultural S.A. 1985.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 2º ed. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1996.

JOST, François. **Do que as séries americanas são sintoma?**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

LE BON, Gustave. **As opiniões e as crenças**. Versão para ebookRidendoCastigat Moraes, 2001. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/lebon.pdf>>. Acesso no dia 07 de junho de 2018

MAIA, Rousiley. Videopolítica e Similares. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (Org.). **Comunicação e Política. Conceitos e abordagens**. São Paulo: Editora da Universidade Federal da Bahia-Edufba/Fundação Editora UNESP, 2004.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. Tradução de Lívio Xavier. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

MARX, Karl. **O Capital**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 1998.

NETO, Antonio Fausto. Discurso Político e Mídia. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (Org.). **Comunicação e Política. Conceitos e abordagens**. São Paulo: Editora da Universidade Federal da Bahia-Edufba/Fundação Editora UNESP, 2004.

PETERSEN, Aurea et al. **Ciência Política: Textos introdutórios**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

ROSSINI, Miriam de Souza; RENNEN, Aline Gabriele: Nova cultura visual? Netflix e a mudança no processo de produção, distribuição e consumo do audiovisual. In: **Anaisdo XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação-Intercom. Rio de Janeiro, UFRJ, 2015.**

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Espetacularização e Miatização da Política. In: _____ . (Org.) **Comunicação e Política. Conceitos e abordagens**. São Paulo: Editora da Universidade Federal da Bahia-Edufba/Fundação Editora UNESP, 2004.

SARTORI, Giovanni. **Homo Videns. Televisão e pós-pensamento**. Tradução de AntonioAngonese. Bauru: EDUSC, 2001.

STERLING, Cássio Carlos. **Em tempo real. Lost, 24 horas, sex andthecity** e o impacto das novas séries de TV. São Paulo: Alameda, 2006.

TOALDO, M. M. ;MACHADO, M. B. C. . **A longevidade de uma campanha publicitária: uma sistematização teórica sobre o tema a partir do seu estado da arte**. Ação Midiática - Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura, v. 1, p. 80-95, 2013.

TOCQUEVILLE, Alexis De. **A vida política**. In: WEFFORT, Francisco C. (Org.). **Os Pensadores. Jefferson, Federalistas, Paine, Tocqueville**. 3º ed. Traduções de Leônidas Gontijo de Carvalho, A. Della Nina, J. A. G. Albuquerque e Francisco C. Weffort. São Paulo: Abril Cultural S.A. 1985.

WEBER, Maria Helena. Mera coincidência, a danação da política. In: Christa Berger (Org.). **Jornalismo no Cinema**. 1 ed. Porto Alegre, 2002, v. 1, p. 215-244.

_____Imagem Pública. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (Org.). **Comunicação e Política. Conceitos e abordagens**. São Paulo: Editora da Universidade Federal da Bahia-Edufba/Fundação Editora UNESP, 2004.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. V 1. 4° ed. Tradução de Régis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

APÊNDICE: Episódios das temporadas de 1 a 5 de House of Cards

Tabela 1: Episódios da 1º temporada

Número	Título	Data de exibição
1	Chapter 1	01/02/2013
2	Chapter 2	01/02/2013
3	Chapter 3	01/02/2013
4	Chapter 4	01/02/2013
5	Chapter 5	01/02/2013
6	Chapter 6	01/02/2013
7	Chapter 7	01/02/2013
8	Chapter 8	01/02/2013
9	Chapter 9	01/02/2013
10	Chapter 10	01/02/2013
11	Chapter 11	01/02/2013
12	Chapter 12	01/02/2013
13	Chapter 13	01/02/2013

Tabela 2: Episódios da 2º temporada

Número	Título	Data de exibição
1	Chapter 14	14/02/2014
2	Chapter 15	14/02/2014
3	Chapter 16	14/02/2014
4	Chapter 17	14/02/2014
5	Chapter 18	14/02/2014
6	Chapter 19	14/02/2014

7	Chapter 20	14/02/2014
8	Chapter 21	14/02/2014
9	Chapter 22	14/02/2014
10	Chapter 23	14/02/2014
11	Chapter 24	14/02/2014
12	Chapter 25	14/02/2014
13	Chapter 26	14/02/2014

Tabela 3: Episódios da 3^o temporada

Número	Título	Data de exibição
1	Chapter 27	27/02/2015
2	Chapter 28	27/02/2015
3	Chapter 29	27/02/2015
4	Chapter 30	27/02/2015
5	Chapter 31	27/02/2015
6	Chapter 32	27/02/2015
7	Chapter 33	27/02/2015
8	Chapter 34	27/02/2015
9	Chapter 35	27/02/2015
10	Chapter 36	27/02/2015
11	Chapter 37	27/02/2015
12	Chapter 38	27/02/2015
13	Chapter 39	27/02/2015

Tabela 4: Episódios da 4^o temporada

Número	Título	Data de exibição
1	Chapter 40	04/03/2016
2	Chapter 41	04/03/2016
3	Chapter 42	04/03/2016
4	Chapter 43	04/03/2016
5	Chapter 44	04/03/2016
6	Chapter 45	04/03/2016
7	Chapter 46	04/03/2016
8	Chapter 47	04/03/2016
9	Chapter 48	04/03/2016
10	Chapter 49	04/03/2016
11	Chapter 50	04/03/2016
12	Chapter 51	04/03/2016
13	Chapter 52	04/03/2016

Tabela 5: Episódios da 5^o temporada

Número	Título	Data de exibição
1	Chapter 53	30/05/2017
2	Chapter 54	30/05/2017
3	Chapter 55	30/05/2017
4	Chapter 56	30/05/2017
5	Chapter 57	30/05/2017
6	Chapter 58	30/05/2017
7	Chapter 59	30/05/2017
8	Chapter 60	30/05/2017
9	Chapter 61	30/05/2017

10	Chapter 62	30/05/2017
11	Chapter 63	30/05/2017
12	Chapter 64	30/05/2017
13	Chapter 65	30/05/2017